

SAL
9197
77.1100

WIDENER

HN L158 W

SAL 9197. 77. 1100

HARVARD COLLEGE
LIBRARY



FROM THE BEQUEST OF
ROLAND BURRAGE DIXON

CLASS OF 1897

PROFESSOR OF ANTHROPOLOGY

1916-1935

50²⁰⁰

PACAHY

CHEFE DA TRIBU DOS TUPINA'S

OU

PEDRO ALVARES CABRAL

DESCOBRINDO O BRAZIL

DRAMA TRAGICO

EM VERSO

DE COSTUMES INDIGENAS

EM 4 ACTOS E 5 QUADROS

POR

Joaquim José Ferreira da Silva

Natural da Provincia da Bahia

Approvedo pelo Conservatorio Dramatico Brasileiro



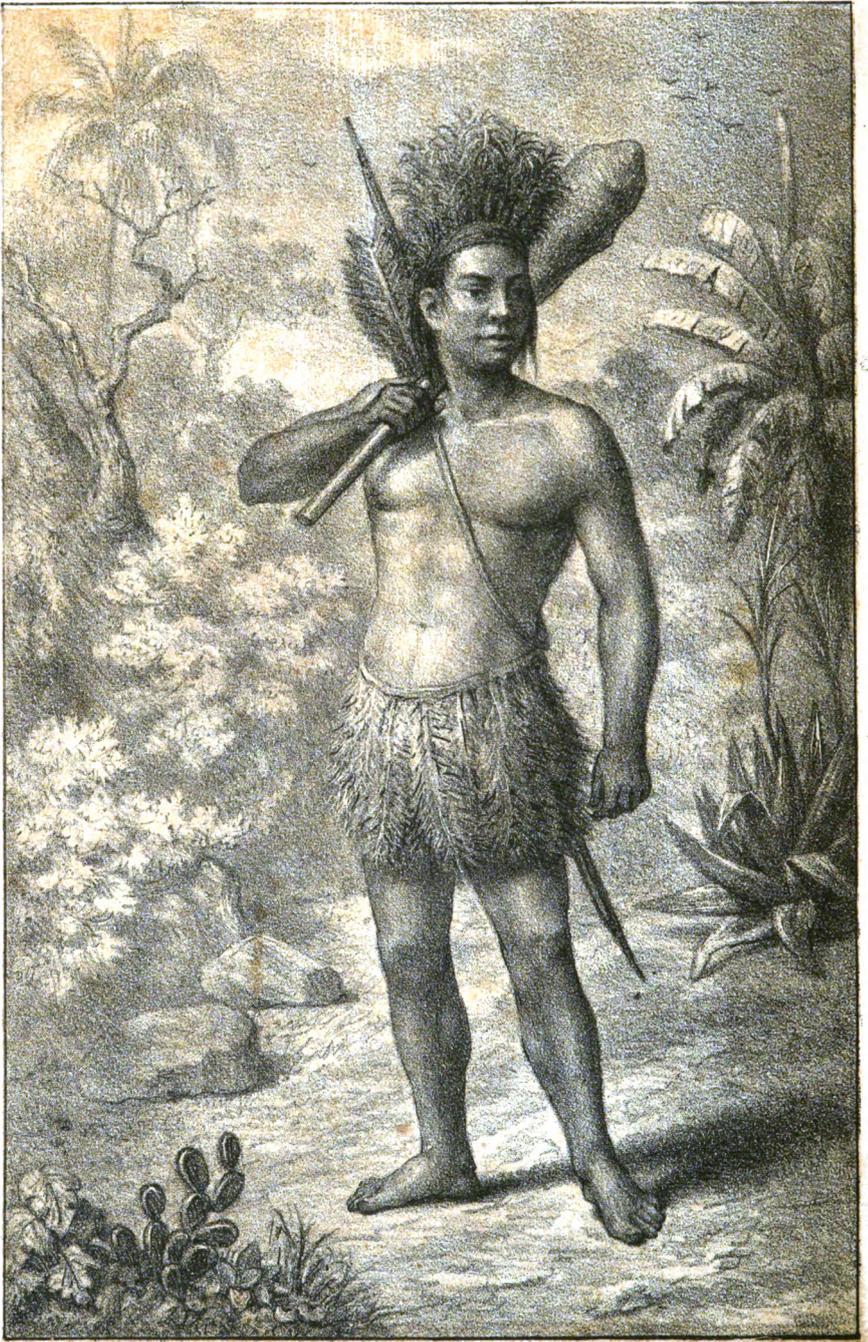
RIO DE JANEIRO

TYP. DE PINHEIRO & C.—RUA SETE DE SETEMBRO N. 157

1874

168

下



S. Lobo, del. e Lith.

G. Kimp.

Tupinambá
Chefe da Tribo Tupinambá
Digitized by Google

PACAHY

CHEFE DA TRIBU DOS TUPINA'S

OU

PEDRO ALVARES CABRAL

DESCOBRINDO O BRAZIL .

DRAMA TRAGICO

EM VERSO

DE COSTUMES INDIGENAS

EM 4 ACTOS E 5 QUADROS

POR

Joaquim José Ferreira da Silva

Natural da Provincia da Bahia



RIO DE JANEIRO

TYP. DE PINHEIRO & C. — RUA SETE DE SETEMBRO N. 157

1874

SAL 9197.77.1100



Dixon

A S. M. Imperial e Sua Augusta Familia

SENHOR

Em 1860, publicando o drama — *Cagliostro ou os Carbonarios nos ultimos dias de Luiz XV*, — Vossa Magestade Imperial fez a honra de acceitar-me um exemplar, animado por esse motivo e pelo concurso dos assignantes que me protegerão para a impressão desse exíguo trabalho, prometti que para diante faria esforços á produzir um outro melhor, porém, Senhor, Deos, é quem sómente dispõe. Tantos embaraços se succederão na minha vida, por tantas contrariedades que hei soffrido, que, assim como a roliça pedra róla rapida pelo plano inclinado, assim tambem tem sido a minha vida de infortunios... E no entanto, Imperial Senhor, me desvaneço de ser um honesto e probó pai de familia, que a trinta annos cumpro o rigoroso dever de bem educar meus filhos, não me deixando vencer pelos intrigantes pretenciosos e hypocritas, que malbarateião de um homem, o cabedal que a Providencia a elles não lhes concedéo!... E, acredite-me Vossa Magestade Imperial, que é ainda sob a pressão desses soffrimentos moraes, que em poucos dias compuz este drama, o qual dedico a Vossa Magestade Imperial e á Sua Augusta Familia. Bem sei, Imperial Senhor, que elle não está na altura de ser dedicado a tão preclaros personagens, porém, quando se vive com o espirito atribulado, nada de bom se póde produzir. E depois que o conclui, admirei-me, como mesmo assim tão immerito o pude compôr!... E por isso Vossa Magestade Imperial, que é o melhor protector dos brasileiros, me desculpará.

Senhor, nós os brasileiros, vamos mal, e se continuarmos assim,

muita applicação terá á nossa sociedade as palavras que o nosso illustre poeta Magalhães, empresta ao seu Antonio José da Silva, na inimitavel tragedia *o Poeta e a Inquisição*. Diz elle na pag. 25, linha 12, do acto 1º, em referencia a Portugal antigo :

« Não ha leis, nem costumes, nem governo,
« Nem povo, nem moral. »

Mais adiante á pag. 63, acto 3º, linhas 18, 19, 20 e 21 :

« Quando toda nação está corrupta,
« Embebida no crime, e espezinhada
« Por homens viciosos;
« Quem se affoita a seguir a virtude muito soffre.

.....

E assim é, Imperial Senhor ! E estes versos, que são maximas que esboça Portugal dos tempos da inquisição, parecem que forão prophecias escriptas para o Brasil seu filho, no presente tempo que é constitucional. . .

Desculpe-me Vossa Magestade Imperial esta franqueza de linguagem, e queira acceitar esta fraca producção de quem é de Vossa Magestade Imperial, muito reverente criado

e muito amigo e subdito obrigado,

Joaquim José Ferreira da Silva

Benevolos leitores Amigos meus

Uma observação que vos póde desagradar, pela qual vos imploro perdão. Porém, lá vai.

Quando se fez (segundo dizem) a nossa Independencia, os filhos do reino do Brasil se mostrarão tão brasileiros, americanizando seus nomes, que até forão buscar no matto seus appellidos. Conhecerão-se: os Acayábas, Cajueiros, Pitangas, Barahúnas, Giquiriçaes, Japiassús, Jacarandáes, Vinhaticos, Fedegosos, etc., etc. Hoje, alto lá, meus senhores !.., Temos brasileiros tão estrangeirados, que se conhecem, por se chamarem: Napoleões, Trigo de Loureiro, Luiz Phelippe, Hudson, etc.; bem sabemos que o nome é uma palavra com que se conhecem as pessoas e coizas; e ha pessoas que se dão a conhecer por: Barata, Lobo, Cotia, Cobra, e até Trevas e Tumba!! etc. Estamos tão estrangeirados, que até comemos gallecismos; muitos já não conhecem as iguarias, com que os nossos paes (os bons portuguezes) nos criarão; e só conhecem: petit-poit, aricots, trouffe a la reine, filet, hamelet, champions, etc. Esta mania de estrangeirismos, chegou até a litteratura dramatica !... Meus bons leitores, a historia é o reflexo da verdade, e o theatro o reflexo da historia; serve elle para instruir o povo, divertindo-o—*Ridendo castigat mores*—Os gregos inventarão os theatros para nas tragedias cantar os grandes feitos dos seus heróes. O drama, para os acontecimentos historicos. A comedia foi inventada para corrigenda dos tartufos e dos charlatães, porém hoje, meus bons leitores, tem-se banido dos nossos theatros tão aproveitavel repertorio, pelas immoras comedias francezas, as quaes alguns dos nossos poucos dramaturgos, vão imitando para serem bem acceitas pela gente que nos impõe o gosto e a moral, a moda que elles a entendem. Muita gente vai ao theatro, que não é para se recreiarem, assim como muitos vão á igreja, não para reverenciarem e adorar a Deos crentemente. Por isso, vendo que dous moços, distinctos brasileiros, extrahirão do poetico romance *O Guarany*, do illustrado Ciarense Alencar, um bem elaborado drama, o qual foi acceito pela boa parte da sociedade com freneticos applausos,

atirando assim um cartel a essas comedias de inventadas re-generações ás perdidias, nas quaes muitas vezes a sociedade cõra de vèl-as e ouvilas; eu acompanhei-os nesse caminho compondo o meu *Pacahy*, reunindo a elle o grandioso factõ historico do descobrimento do Brasil pelo immortal portuguez PEDRO ALVARES CABRAL, e para dar mais realce, empreguei alguns nomes indigenas em situações que julguei produzir bom effeito. Não sabendo eu a lingua indigena, (o que sinto bastante) recorri ao dictionarios da lingua tupica publicado em 1858 pelo immortal cantor maranhense Gonçalves Dias; Christomathia da lingua brasiliana pelo Dr. Ernesto Ferreira França em 1859 e o dictionario portuguez-brasiliano publicado em Lisboa em 1715, que dizem ser do Padre Figueira, em todos esses encontrõ-se desharmonia, não só na construcção orthographica como tambem na differença de muitos nomes. Portanto, peço toda a desculpa a aquelles dos meus leitores que se julguem versados e entendidos nessa lingua, que nos é tão preciso o seu cultivo, e tambem toda desculpa á minha humilde producção.

Rio de Janeiro — Julho de 1874.

O AUTOR.

PERSONAGENS DO DRAMA

O Pagé da tribu dos <i>tupiniquins</i>	60	annos
Hurú, cacique dos »	30	»
Hipéita, guerreiro dos »	60	»
Carahy, joven india »	18	»
Anajá, sua mãe »	30	»
Pacahy, cacique da tribu <i>tupind</i>	25	»
Hita-açú, guerreiro <i>tupind</i>	30	»
<i>Porangaba</i> <u>joven india</u>	16	»

D. Pedro Alvares Cabral, almirante.
 Fr. Henriques, guardião dos franciscanos.
 Affonso Lopes, capitão das caravelas.
 Gonçalo Coelho » » »
 Diogo Dias, capitão.
 Pedro Vaz de Caminha, escrivão.
 Affonso Ribeiro, degradado.
 José Taveira »

SUMMIDADES QUE NÃO FALLÃO

Nicoláo Coelho.
 Simão de Miranda.
 Ayres Gomes da Silva.
 Vasco de Athayde.
 Simão de Pina.
 Luiz Pires.
 Bartholomeu Dias.
 Sancho de Toar.
 Sete frades franciscanos, um vigario, oito capellães, mar-
 rinheiro, soldados, indios *tupinds*, indios *tupiniquins*,
 indias diversas, um tocador de gaita.

ACTO 1º

O COMBATE DOS TUPINQUINS

OU

A LENDA DO PAGÉ

ACTO I

Vista de uma agreste selva, apparecendo no fundo o mar.

SCENA I

HURU' ARMADO DE ARCO E FLECHA, E COM O BORÉ

E' quasi dia ; goroacy(*), o astro luminoso,
Não tarda apparecer, para com seus raios
Dar vida a estes bosques e alegrar estas
Matas (*Ouve-se o canto do bem-te-vi ; a scena vai-se cla-
reando lentamente e faz-se dia ; ouve-se tambem o canto
de outros passaros, e a orchestra, tremulando melodio-
samente, acompanha, emquanto Hurú falla, até o toque
do boré*).

Oh ! como é

Bella a natureza da minha terra !...
Vetustas selvas que meus echos ouvis !
Altas montanhas, caudalosos rios !
Vinde adorar Tupan tão poderoso !...
Vou despertar a taba, assim é preciso (*Toca o boré em um
tom forte*).

Desperte-se a tribu

Toda ; ão meu chamado venha
Para dizer-lhe que a guerra hoje é preciso.

(*Apparecem innumerous guerreiros tupiniquins ; entre
elles Anajá e sua filha Carahy. Hurú se aproxima de
Carahy.*)

(*) O sol.

SCENA II

HURU', CARAHY E ANAJÁ, E OS GUERREIROS (*Todos cantando
acompanhados de musica*)

Quanto é bello e magestoso
Vêr raiar a linda aurora ;
Oh, Tupan ! permitti sempre
Um despertar como este agora !

Como se torna alegre assim
Nosso céu e a nossa terra,
Nossos bosques e montanhas,
Onde o amor tambem impera.

(*Acabado o canto pdra a musica.*)

HURU' (*para Carahy*)

Carahy, linda juruty, não és guerreiro :
Para que vieste ?!... E tu, Anajá, para que
Permittiste a esta bella ave deixar tão cedo
O ninho ?...

ANAJÁ

Não quiz ficar ; apenas ouviu o boré .
Saltou da rêde e para mim chegou-se :
—Mãi, é Hurú quem tão cedo o boré toca .
O som conheço. Elle que já desperta a tribo:
Negocios graves vão se discutir !

CARAHY

Sim, Hurú, eu não quiz ficar ;
Quando não te vejo não estou contente .
Minh'alma roubou do pensamento a força,
E de tudo esqueço só por nosso amor.

HURU'

Como és candida e meiga ! Tão franca linguagem
Só teus labios soltão, qual doce gorgeio

Do gurinhatá da floresta... Formosa Carahy,
Tupan lá está ! elle que é o Senhor, que nos inspira,
Te dirá em sonhos como eu te amo.
E, se não bastar provas tão sinceras,
Perguntai-o ás matas, aos montes, aos prados,
Aos rios, ao mar, que tão grande é...
E elles te affirmarão que teu nome invoco
Até quando na peleja um tapuio eu firo.

CARAHY

Oh ! não me falles em guerras que me faz medo.

HURU'

Medo não deve ter quem de Tupan é filha
E o meu braço tem por sustentaculo. Porém
A guerra sempre nos é precisa, porque a terra,
Não a povôa os anjôs (*exaltando-se*)...
Ouvistes, taba, o meu clangor de guerra
Convocando a todos ?!... Pois bem, noticiar agora vou
Que razões bem fortes a ella nos chama...
Guerreiros da taba, ouvi-me : Os tupinás insolentes
Nossas raias pisão. Devastão nossas roças
E nos saquéão ! Ladrões, como os macacos,
Ainda hontem ferirão a dous de nossa tribu ;
Tão grande afronta perdoar não se deve
A quem atrevidamente assim ousou...
Portanto haja guerra, valentes guerreiros,
Haja guerra... Guerra de morte e de exterminio
A quem tão atrevido veio afrontar os tupiniquins !

CARAHY

Ainda mais sangue ! Tremo de horror...
Para que havemos nossos irmãos matar ;
Antes chamal-os á razão se errados andão.
(*Entra o Pagé.*)

SCENA III

OS MESMOS E O PAGÉ (*Este encarando a Carahy*)

HURU'

Vinde, bom Pagé e amigo,
Pai desta illustre tribu, guiar nossos
Passos á peleja... A guerra vamos desde
Hoje começar, e a tua presença é mui precisa.

CARAHY (*ao Pagé*)

Pai, pedi ao Hurú, que desista
De empreza tão funesta. Póde nella ser ferido
Ou perecer. Os tupinás tambem são valentes
E perdoar não sabem.

ANAJÁ (*a Hurú*)

E, se morrer na guerra, o que será de Carahy,
Que dizeis por ella ter tanto amor?

HURU'

O amor é um sentimento, é um fogo
Que incendeia a alma. A honra é um dever
Que esquece a morte.
Se Hurú perecer n'um combate,
Tupan receberá sua alma nobre
E Carahy levará á sua sepultura
Um tacápe de flôres, e alli deporá
Em memoria delle... E da nossa tribu
O mais valente guerreiro, a sua mão
Dará em honra de seu valente chefe.
Oh! Carahy, que lembrança tiveste,
Que triste idéa, que eu possa morrer nas mãos
De um tupiná... Oh! não!...
O coração me diz que morrer não hei de
A's mãos d'esses tupinás vilões.
E se tal não fosse a fé de que

Illeso sahirei da luta... subiria já
Ao mais alto monte, e de lá lançar-me
Na correnteza funda para servir de pasto
Ao Ururáo feroz !...

TODOS (*com espanto*)

Oh !...

PAGÉ (*com ironia*)

Acalma-te, filho. Eu, o pagé da tribu,
Te garanto a vida. Voltarás victorioso
O maraca tangendo, espavorindo do mato
Até as féras indomitas.

ANAJÁ

Sim, haveis de voltar, gentil Hurú ;
O Pagé, nosso pai, assim o diz (*d' Carahy*).
Filha, Hurú é bravo e valente :
Um tupiná jámais ferirá seu peito nobre.

HURU' (*com força*)

Infernaes tupinás... Tapuios !... Oh !...
Que anhangás te traguein, raça vil,
A quem detesto tanto, ainda mais que
O cangussú(*) e a maraca-boia(**).
Desejava ter tamanha força que de uma
Vez sómente em punhos meus os afogasse
Todos... Se o jaguar raivoso, eu o acommetto
Lá no covil e dou-lhe a morte,
Hei de tambem não poupar a vida
A esses caytitús tão atrevidos...

Alerta, guerreiros da taba illustre;
Cantando, marchemos valentes á guerra :
Que não fique mais vivo um só tupiná
Que possa servir para mais produzir
Nesta terra.

(*) Canguçú, qualidade de onça. O jaguar tambem é outra qualid-
dade de onça. (**) Cobra *caracarel*

Todos (*cantão em côro*)

Marchemos cantando o hymno de guerra
E não fique um só tupiná nesta terra.

(*Todos se retirão cantando e são ouvidos por algum tempo, amortecendo-se o canto pela distancia até extinguir-se.*)

SCENA IV

PACAHY (*entrando e prestando ouvido ao canto; vem armado de arco e flecha, e clava*)

Está deserto o bosque !
E' bonito o canto desta guerreira gente...
Vão enganados... Elles pensão nos sorprendender
E serão atacados inesperadamente...
Temeridade a minha de pisar aqui
Em terreno inimigo... Mas que fazer ?!...
Se o curupira vil ferio meu peito
Pelos olhos de Carahy, a quem tanto amo.
Ah ! Carahy, para que te vi !
Desde que de amor esse curupira brincando
Veio frechar meu peito, não pude mais
Socego ter um dia só ! De noite não durmo
Nem alegria tenho. De caçar já deixei, só
Para occulto andar e divagar nos bosques
A seguir teus passos... Deixei a pesca,
Abandonei minha ygára(*). desprezando
O remo, com o qual fendia as aguas do correntoso
Rio, que susurroso meus suspiros ouvia !
Oh ! como me tornei assim !...
Curupira me fez grande medroso... Porém
Sinto rumor no mato... Sorprehendido aqui
Serei morto logo (*Empunha a clava. Aparece Carahy,
que, ao vêr Pacahy, espanta-se.*)

(*) Canôa.

SCENA V

PACAHY E CARAHY, E O PAGÉ

CARAHY (*d parte ; o Pagé occulto*)

Oh ! é um estranho ; pelo cocar conheço
Não ser da nossa taba. E' o tupiná
Que sempre de longe me segue os passos.

(*Pacahy, ao vêr Carahy, vai apressado a ella ; o Pagé
apparece a um lado do fundo e espreita.*)

PACAHY

Formosa Carahy, que ventura sinto
De nestes lugares encontrar-te a sós.

CARAHY

Sabeis meu nome !... Não te conheço !
E's estrangeiro e inimigo nosso ;
E se Hurú o valente, aqui te visse
Pelos seus guerreiros morto serias !...

PACAHY

Affronto a morte por tua causa ;
Bella Carahy, escuta : assim como o valente
Hurú, eu tambem sou chefe,
Numerosos guerreiros seguem-me aos combates ;
Lá na minha taba eu mando, eu posso
Ditar a lei, sentenciar a morte... Porém
Aqui, escravo a teus pés, digo que te amo,
Que sou teu captivo de amor. Uma só palavra
De teus labios bellos, côr de carmim que nossas
Matas criam, me fará feliz. Oh ! dizei tambem
Que me amas, e vinde comigo que sereis senhora
De uma tribu immensa. Uma caza terás
Feita de palmeiras. Rêdes mimosas de fio e
Pennas lindas, feitas só das do tucano
E de beija flôres. Dos mais bellos frutos

Que nossos bosques dão, e a melhor caça
Que a natureza cria, tudo terás para teus
Regalos. Tantos escravos que guerreiros são,
Que a ouvir-te a voz se curvarão obedientes.
Lindos braceletes de massiço ouro e lindas pedras
Brilhantes como estrellas ; outras verdes e azues ;
Porém mais que isto quanto te offereço,
Terás meu amor e minha vida inteira.

PAGÉ (*do lugar de espreita*)

Ouço tudo. Seu amor é fogo !
Eis um valente, proprio para cacique nosso
E para minha vingança. Bem tenho feito
Em protegêl-o.

CARAHY

Insolente !... Atreves-te a affrontar-me assim ?!
Não sabes que só a Hurú pertencerei !...
Que filha e herdeira de um cacique rico
Teus thesouros desprezo, delles não preciso.
Escravos terei tantos quantos Hurú trouxer
Prisioneiros da tua taba. Emquanto o teu
Amor também o desprezo, porque
Quem é descendente de caciques illustres
Jámais a um tapuio pertencer deve.

PACAHY

Formosa Carahy, não te exacerbes ; attende,
Escuta. Eu Pacahy não sou tapuio !
E' injurioso esse nome a um cacique tupiná ;
Nem o teu affiançado Hurú é mais que eu !...
De nobre raça também sou, e sangue de herões
Gyra em minhas veias.
Meus avós forão os senhores destas terras
Que os tupiniquins, teus ascendentes conquistarão,
Porque mais numerosos então ; porém
Sem motivo e sem razão declararão
A nossos pais guerra de morte (como ainda hoje).

Um dia, oh ! não, uma noite : era no minguante
Da lua. O pai de Hurú, com seus guerreiros,
Quiz nossa taba surpreender para devastal-a ;
Porém meu pai e o pagé da tribu, que
Assustados e alerta sempre estavam,
Tinhão os seus guerreiros bem dispostos
E promptos ao primeiro grito do alarma ;
Assim aconteceu, e apenas o combate se travou
Horriavel carnagem logo cobrio o campo,
E no meio dessa confusão medonha
Algumas donzellas dos inimigos pelos fossos
Forão prisioneiras. Entre ellas veio a filha
De um cacique alliado a elles, da qual sou filho.
Carahy (*com energia*), supportar não devo por amor
O teu desprezo ! Esta tua affronta é crasso orgulho
E sem razão !

CARAHY

Pois bem, assim seja ; mas que importa !
Tua raça nobre me é indifferente. Já te disse
Que só serei de Hurú o bravo, e que não te amo
E não te quero e não posso mais ouvir-te (*Onve-se grande
algazarra ao longe, o toque do boré e o canto de
guerra*).

PACAHY (*exaltado*)

Ouvis ? Vou partir em auxilio dos meus bravos
Que já se batem, e animal-os para que mais
Fortes na peleja não sejam sacrificados
Pelos teus, que nos querendo surpreender
Forão surpreendidos ! (*Carahy estremece*) Porém
Ouvi-me ainda, Carahy, Antes que a lua
Seja cheia estareis em meu poder por bem ou mal,
Para esse orgulho te quebrar.
A Hurú detesto quanto a ti desejo ;
E se lá na peleja nos encontrarmos
As armas decidiráo da nossa sorte.

CARAHY (*dá um passo á retaguarda e faz menção de empunhar o arco e flecha*)

Atrevido !... Ameaçar-me ousas !
Quem julgas que eu seja ?!

PACAHY (*com ironia*)

A bella dos meus sonhos ! E's bem cruel !
Tu que tens roubado o meu socego !
Que és formosa como o sahy dourado
E seductora como a ligeira çuaçú(*).
Sei que a alma tens bem caprichosa,
Mas que importa !... Acostumado estou ás lutas
E não conheço qual é do medo a côr.
Tenho vencido no mato o jaguarote bravo
E não temo do tamanduá as mortaes garras...
Pouco me importa o teu rancor e hei de meu
Amor ou capricho tambem satisfazer...
Até vêr-nos, bella Carahy, Pacahy saberá
Cumprir sua palavra. (*Vai-se, e o Pagé entrando*).

CARAHY

Que raiva de mim se apodera : porque quando
As costas me voltou, seu coração não trespasssei
Com uma flecha ervada? Louca que fui
De perder tão boa occasião de vingança.

PAGÉ

Um grande mal terias feito. Pacahy é bravo,
E' joven e bello, e só morrer deve em combate leal
De frente á frente.

CARAHY

Então ouviste tudo... seu insolente amor me declarar !

(*) Corsa.

PAGÉ

Perdoar se lhe deve. Na idade sua tal ousadia
E' a maior coragem que dá o amor. E's moça,
E's bella como a jacy-tata(*) d'alva, e se é crime ter
Por ti amor, mais criminosa és pelo inspiral-o.

CARAHY

Assim pensais ! Não sabeis que Pacahy é
Inimigo ?! Que ousa pisar em nossa taba,
E que o meu amor só de Hurú será !

PAGÉ

Nessa vontade tua não tomo parte.
Tua alma é de Tupan e o teu amor
A quem o quizeres dar. Sou o pagé da tribu
E aconselhar devo, predizendo o futuro
E lendo nos astros. Tenho lido que ;
De amor o caminho vais errada.

CARAHY

Oh ! Tupan, que ouço ! Como é possível
Que um amor tão puro que meu peito encerra,
Tenha o teu desagrado para eu soffrer !...

PAGÉ

Escuta minha voz que por Tupan te fallo.
Tu sabes, gentil pyter-botyra(*), se o amor de Hurú
Te é sincero ?! Hurú é bravo e valente,
Porém é fogoso. Tem o genio alegre dos tupinambás
Com quem tem parentesco ; mas seu coração
A's vezes fraqueia : nunca nos combates ; porém
Em algumas occasiões é bandoleiro em amor (*Ouve-se ao
longe o canto de guerra. Ambos estremecem*).

(*) Estrella.

(*) Beija-flôr.

CARAHY (*d parte*)

Ainda o combate continúa. Gran-Tupan,
Salvai-o ! (*Para o Pagé*) Pagé, que prevenção !...
(*Fica pensativa.*)

PAGÉ (*d parte*)

Talvez que no combate Hurú fique prisioneiro.
Continuão a pelejarem... A batalha de hoje deve
Ser medonha !... Pacahy devia ter chegado a tempo
Para a tribu dirigir na luta. E, se o sanguinario
Hurú fôr prisioneiro, Pacahy vencedor.
Será o cacique de toda esta terra.

SCENA VI

PAGÉ, CARAHY, ANAJÁ E HIPÉITA (*entrando após, precipitado*)

HIPÉITA

Bom Pagé, vinde á peleja animar a tribu
Com o vosso canto e presença animadora.
Soprehendidos fomos na passagem, que só
Por traição os tupinás saberião.
Forão tantas as flechas lançadas de improviso
Que innumerous guerreiros logo sucumbirão.
Hurú, sorprezo, o boré depressa toca
E divide a tribu em acção de ataque...
Oh ! foi terrível o embate, que de peito a peito
Se travou desde o mato até ao campo !
Foi medonha a peleja... o sangue tanto
E os mortos muitos !... Um sabbá de anhangás
Não será mais medonho !...

ANAJÁ

Oh ! é horrível ouvil-o, quanto mais vê-lo !

CARAHY

E Hurú, o que é feito delle ? !...

HIPÉITA

No combate é um jaguar, tanto mata
Quanto fere. E quando já do inimigo
Iamos á posse do terreno conquistando,
E do boré o som alegre se feria os ares,
Eis que chega dos tupinás o chefe,
E' audaz, é forte, joven e bello !

CARAHY (*d parte*)

E' elle !... eu tremo.

HIPÉITA

Ao vêr Hurú, a elle investe e de clava armado
O golpe despede...

CARAHY (*assustada*)

Oh ! Tupan !...

HIPÉITA

Hurú, defende-se, o golpe apára...
Encarniçado combate faz tremer a terra,
E as tribus se investindo de novamente
Envoltas em multidão empoeiradas desaparecem...
Nessa occasião, correndo venho buscar-te
Para dares mais conforto á nossa tribu.

PAGÉ (*d parte*)

Ainda não é tempo de o entregar.
Vou depressa vêr se o salvo ainda (*ouve-se grande alarido*).
(*Alto*) Eu vou, e, se fôr tempo
Ainda, o salvarei se em perigo estiver...
Hipéita, retirai-vos com Anajá e Carahy,
Que os combatentes para aqui se approximão.
(*A' parte*) Parece-me que Hurú está perdido.

(*Retirão-se pela esquerda e o Pagé pela direita ; a scena
vai sendo invadida pouco a pouco pelos guerreiros das
duas tribus, combatendo, ora recuando uns, ora outros,
tudo em passo cadenciado, ao som de musica de guerra, e
depois apparecem Hurú e Pacahy combatendo.*)

SCENA VII

HURU' PACAHY E DEPOIS PAGÉ

HURU' (*furioso*)

Tapuio peçonhento, urutú malvado !
Hei de esmagar-te a cabeça, e tua alma
Mandar a anhangá sanhudo...

PACAHY

Hurú, tu mentes. Eu não sou tapuio...
Eu de ti só quero essa cabeça dura
Para atiral-a aos pés de Carahy, vencida (*Hurú rugo de
colera e dá um bote em falso, que Pacahy apara e o
desarma, e quando vai dar-lhe para o matar apparece o
Pagé entre ambos e os separa*).

HURU'

Infame jaguar, vou arrancar-te a lingua.
(*E' quando perde o golpe.*)

PAGÉ (*os separa*)

Em nome de Tupan, que está no ybakê(*), suspendei! (*Hurú
ainda desarmado avança para Pacahy; este põe-se em
guarda.*)

(*Para Hurú*) Hurú, estás desarmado !...
(*Para Pacahy*) Pacahy ! estás em terreno neutro
Em que se venera a Tupan. Retira-te, sou
Eu o pagé quem te rogo : (*Para Hurú*)
Podias ser por elle agora morto !...

PACAHY

Hurú, guarda em lembrança este feito d'armas;
Surprezas tuas eu não as temo,

(*) Céu.

E para mostrar-te agora quanto sou nobre
Vou ordenar que a peleja se dê por finda.
Retiro-me, bom Pagé. Que Tupan te guarde. (*vai-se*)

, HURU' (*raivoso*)

Infamado e quasi vencido por um tupiná !...
O que será feito da minha brava gente ?!
(*Ouve-se rumor e chega parte dos tupinds.*)

PAGÉ

Eil-os que chegão. (*Para os guerreiros*) Que noticias
Trazem ? (*Entra Hipéita.*)

SCENA VIII.

OS MESMOS E HIPÉITA

HIPÉITA

As mais terriveis e dolorosas, bom Pagé.
Parece que lá dos céos Tupan manda castigos
Contra nós... Sessenta acajús(*) tenho de idade
E nunca um só combate os tupiniquins
Perdêrão... Hoje que a batalha seria nossa
Não sei como frustrada ella assim foi !
Só a traição poderia por tal fórma
Dar a nossa surpresa conhecer ao inimigo !..

PAGÉ

Talvez ! Quem sabe se da taba algum guerreiro
Secreto odio contra ti não guarda ?!

HURU'

Que suspeita infernal em mim despertas !
Se acaso fôr certo o que suppões... oh !...
Quem quer que foi esse traidor,

(*) Annos.

Antes se atire da grande Yg-tú (*) ao vortice,
E da queda mortal desapareça, porque;
Se vivo em minhas mãos cahir, durará
Sete sões sempre a soffrer, e depois de um
Supplicio tão cruel e ainda vivo, a tres
Jaguares o darei para um banquete.

PAGÉ (*d parte*)

Risca isso da'idéa que saber não ha des.
(*Alto*) Dizei-me Hipéita, quantos bravos
Na peleja forão hoje mortos?...

HIPÉITA

Faz horror dizêl-o. Forão tantos que contar
Não pôde. Não forão só dos nossos. Os inimigos
Não perdêrão menos. Era tanto o correr de sangue
Que as aguas do rio ainda vermelhas estão.

HURU'

Oh ! guerreiros da minha valente taba,
Antes quizera convosco ter tambem morrido !...
Terra de meus pais, ouvi meus brados
E o meu soffrer ! Que tormento em minha
Alma sinto por não ter vencido Pacahy...
(*Olhando em torno da scena.*)
Onde estão os outros meus guerreiros?...
Aqui todos não os vejo !...

HIPÉITA (*com tristeza*)

Hurú, os que escapárão da morte prisioneiros
Forão !... Eis que nos resta de tantos bravos
Que neste fatal combate te seguirão !...
De hoje ávante serás para guerra cauteloso
Ou do contrario não seremos mais nação.

(*) Cachoeira.

HURU' (*alterado*)

Jámais a valente nação dos tupiniquins
Deixará de existir ! Numerosa é a tribo
Para ser tão facilmente aniquilada.
Se na guerra um só revéz nos foi sensível
Eu prometto novos dias de triumpho.

SCENA IX

OS MESMOS, CARAHY E ANAJÁ

CARAHY (*correndo a Hurú*)

Felizmente voltaste. Me sentia receiosa
De perder-te ! Verti lagrimas por tua causa,
Pensando que na luta sucumbias . . .

ANAJÁ

Nem foste ferido ! E's valente e bravo
E como sempre vencedor (*reparando a Hurú*) ;
Mas... que é isso ?!... Empallideces ! Acaso
O inimigo ?...

HIPÉITA (*para Anajá e Carahy*)

Não o atormentem. Se não fosse o Pagé
Estar presente, ainda a pouco Pacahy o mataria.

ANAJÁ E CARAHY

Gran Tupan !

HURU'

Tupan de mim se esqueceu hoje !...
Eu, que outr'ora era mostrado como o mais
Valente da tribo ! como o genio da força !...
Eu... Hurú o bravo, ser desarmado por um
Tupiná !... Oh ! onde está a força que d'antes
Tinha ?!... Quando cheio de corage' e a pé firme,

Afouto esperava o jagoará-ete, que arrebatado
Me investia !... Eu, que na (*) ygára, alli no mar,
Quando o furação embravecido a fazia
Balouçar de onda em onda, deslisando
Sem receio do tufão !... Carahy, devo morrer :
Não é digno de governar um povo bravo,
Todo aquelle que é vencido uma vez que seja,
Ou o que de chefe tendo o titulo, não sabe
Sustentar na mão o gladio !...
Nada mais me resta neste mundo...
Tudo hei perdido.

PAGÉ (*d parte*)

O desespero o desvaira. A vergonha o abate...

CARAHY

Não desesperes : já não te lembras de Carahy ?!
Que tanta amargura é esta ?!
Perdeste um combate, ganharás cem.
De hoje ávante irei sempre ao teu lado
Quando aos campos a guerra nos chamar :
Combaterei contigo o inimigo, e se da victoria
Os louros não colhermos para juntos tangermos
O maraca ! Que venha então a morte !...
Que importa a morte ! Morreremos juntos
Combatendo, e nossas almas se irão unir algures,
Mostrando que dos tupiniquins o sangue
Nobre gyra puro e quente em nossas véas.

HURU'

Oh ! Carahy, vinde a meus braços ! (*abração-se*)
Tu me reanimas. E nunca me senti tão
Orgulhoso como agora. Neste momento renasce
Em minh'alma a coragem com mais força
E tambem a sêde de vingança. Vou á taba
Convidar a tribu para de novo surpreender

(*) Pequena canôa.

A Pacahy, e se em minhas mãos elle cahir,
Oh! Tupan, juro por ti e pelos astros
Que jámais terá de vida um só instante !...

PAGÉ (*d parte*)

Breve corro para avisal-o a estar alerta
E antes que (*) jacy clareie a noite estarei de volta.

HURU'

Pagé, o que dizeis ? Preciso me vingar de Pacahy.
Vossos conselhos me são precisos, pois que sois
Da taba o nosso guia.

PAGÉ

Hurú, não sei qual a razão por que quereis
Guerra de exterminio a Pacahy ? Nossa tribu
Acaba de soffrer um revez, como nunca aconteceu.
Pacahy é bravo, é forte ; á tanta valentia
Une a prudencia, e além da prudencia (*com ironia*)
E' generoso. Hurú', a guerra é ruim
E sempre má : deixa a tristeza e traz a orphandade,
Quasi sempre a ruina !... Para que
Nos aniquilar uns aos outros ?!...
Se todos nós somos filhos de Tupan !
Não basta que só môrrão as bravias féras
Que damninhas nos são á existencia,
E os animaes que por necessidade nos
Servem na terra de sustento ? Hurú, deixa-te
De guerras. Nada resolves sem consultar a tribu ;
Discutamos se ha conveniencia para então
Proceder-se o que fôr melhor.

HIPÉITA

O Pagé muito bem sabe o que diz :
E' o nosso oraculo e nelle confiamos ;
E' bom pensar e com prudencia proceder-se
Para o bem da tribu (*vai-se*).

(*) Jacy a lua.

SCENA X

OS MESMOS, MENOS HIPÉITA

CARAHY (*d parte*)

Parece que o Pagé de mim não gosta !
Não sei o que pense a seu respeito (*alto*).
Hurú, ouve o Pagé; seus conselhos te guiarão bem.
A paz nós é de utilidade, e quando assim vivermos
Bemdiremos a Tupan tão grandes dons.

HURU'

Pagé, deveis saber melhor do que eu
O motivo por que devo a guerra mover a Pacahy :
Ainda curumin (*), eu era por meu pai
Levado á caça do jaguar, do tapir e caytetús,
Assim criado; vendo morrer os animaes
Sem dô, o guerreiro genio em mim se desenvolveu !
Quando já crescido, assim como os da tribu,
Tomei o arco e fui levado ao mato...
Apenas alli chegámos, minha mãe Manacá
Me disse assim : Hurú, é esta a vez primeira
Que ides ser caçador... Quando entrares
No bosque, pisai de manso e olhai attento !...
O mato é couto de inimigos e antro dos Jaguares
E das serpentes, e assim que,
A quaesquer delles avistares, não volteis costas ;
Olhai-o com arrogancia e attacai.
Se fôr animal, despedi com firmeza o mortal
Golpe, e sendo inimigo de nossa tribu
Não o mateis covardemente. Batei-vos
Corajoso para com vantagem sahires da luta
Vencedor. E' covarde quem não defende
A vida. A vida é a liberdade do direito
E da razão, e aquelle que não a sabe defender
E' um escravo, porque é covarde e merece

(*) Menino.

A morte, porque não tem brios.
Reflecti... e apagai da mente o medo.
Parti, meu filho, e Tupan vos guarde...
'A proporção que ouvia minha mãe,
Meu coração se expandia, e sentia referver-me
O sangue... Manacá partio. Fui dispersado
De Paraitú, meu pai, e dos mais guerreiros,
Entrei no bosque. Era uma mata escura,
Parecia noite !
E apenas avancei alguns passos
Um cheiro de almiscar senti logo,
Porque do lado opposto soprava o vento :
Era o cheiro do jaguar, quando cioso,
Que perseguido e raivoso quer vingar-se.
E assim, quando parei, avistei pouco
Distante de mim um jaguar immenso,
Que me tendo visto para mim correu.
Oh ! pensei comigo, vou ser devorado !
Fiquei firme ! Encarei a fêra e apontei a flecha.
A fêra, a dez passos de distancia, estacou !...
Seus olhos erão duas brasas ;
Rugia e sacudia a cauda. Parecia que
Me estava festejando. Porém julgo
Que me queria enfeitiçar. Fiz o tiro,
Despedi a flecha, que veloz se lhe cravou
No peito. O animal ferido, agaxou-se
E fez-me o pulo.

CARAHY (*assustada*)

Ah !...

HURU'

Desviei-me, e voltando-me rapido
Empunhei outra flecha. Foi tal
A presteza com que me assaltou, que longe
De mim foi esbarrar-se perdendo o salto ;
E sentindo ter a presa lhe escapado,
Rapida voltou-se a mim, que outra flecha
Lhe cravei no ventre ! Estava ferida de morte,

E pelos saltos que começou a dar, a primeira
Flecha se lhe quebrou no peito.
O sangue da ferida em abundancia lhe corria,
E creio que sentia dôres tantas, que, rugindo
E estorcendo-se, dava saltos incertos
Para vingar-se ainda...
Afastei-me, e de longe atirei-lhe pedras,
Regosijando-me de a vêr soffrer assim,
E quando exangue em convulsões morreu,
Senti-me cansado, trêmulo e alagado...
E' que tinha jogado a vida ! E então
Julguei-me um homem... Tangi o maráca !
Meus companheiros para mim corrêrão,
Ouvindo meu toque de triumpho. Virão-me pois,
Soberbo, com o pé sobre a cabeça de um
Jaguar gigante, que tinha sido morto
Por mim sómente !... Conduzido para a taba
Fui em triumpho, e por meu pai Paraitú
Mostrado aos mancebos, como o genio
Das selvas e o segundo da tribu.

CARAHY

Tu o mereceste !...

HURU'

Paraitú adoeceu dahi a tempos, quando
O cajueiro floresce, e não se soube do que !
Tu Pagé então disseste que lhe daria saude,
Porém o mal era mortal !... Tupan assim
Ordenára. E na hora extrema em que ia partir,
Quando o cajueiro já amadurecia seus frutos,
Paraitú, abraçando-me, disse : Filho, vou partir
Antes do tempo. Quarenta acajús de idade tenho...
Sentia-me ainda forte como o guarabú da floresta,
Porém não sei como mebaê-ayba (*) me derão
E envenenado morro. Um traidor existe na tribu ;

(*) Veneno.

Acautelai-vos...

Recebe por herança minha vingança

E o nosso odio contra os tupinás,

Fazei-lhes guerra, e guerra de exterminio...

Tu és o mais valente da tribu,

E portanto o primeiro.

Vingai o assassinato de Paraitú...

Ancioso perguntei-lhe : Pai, seu nome,

Dizei-me ? (*Pagé estremece*) Chama-se...

Não pôde acabar... e cahio morto...

Tupan lá tem a sua alma.

PAGÉ

E' verdade, tudo isso eu sei. Assim pois...

HURU'

De Paraitú cumprir devo suas vontades ultimas.

O sangue dos tupinás lhe será agradavel.

PAGÉ

Hurú, Paraitú te deixou bem triste herança.

Eu o pagé da tribu, te vaticino mal ;

Porém segue o teu destino, faz o que quizeres.

(*Hipéita entrando.*)

SCENA XI

OS MESMOS E HIPÉITA (*apressado*)

HIPÉITA

Hurú, Pagé ! vinde depressa vêr

Um factó novo, aqui nunca visto !...

TODOS

O que será ? Que aconteceu ?!

HIPÉITA

De lá da outra praia, na qual o mar sereno aborda,
Em distancia immensa que a vista apenas alcança,
Se vião vultos côr da nuvem branca
Que as fôrmas tinhão da gaivota as azas,
Veloz deslizando sobre o mar,
Para nós caminhando mui depressa ;
Fôrmas tomárão de alladas tartarugas !...
Somente differentes na carreira
A principio nós julgámos ser algumas
Aves raras ou encantadas, producção de Tupan,
Tão poderoso !...

HURU'

E então o que póde ser ?!...

HIPÉITA

Responder não sei ! Vinde todos á praia vêr
Porque mais crescem quanto mais caminão !

PAGÉ

E ninguem conhece o que taes vultas são ?!

HIPÉITA

Só o velho Pagé, o venerado,
Que mais de cem acajús de idade conta,
Diz que uma lenda sabe das que seus
Pais contavão outr'ora : Que em remotas
Éras um igual factó já aqui se dera ;
Que povos de outra banda de além-mar
Em maracatins-açú (*) encordoadas
Essa fôrma tomarão assim de longe,
Para poderem abordar a nosssa terra ;
Porém que Tupan, enfadado de audacia tanta,
Mandou-lhes uma tempestade tão medonha,

(*) Navio grande.

Que encrespando o mar e escurecendo a terra,
Com seus raios ardentes os espedaçára.
Diz elle que, este acontecimento se dera
Na hora em que goroacy se recolhia
E petuna(*) chega, em tempo de jacy-jearóca(**) ;
Que ao amanhecer do seguinte dia
A's praias vierão ter, corpos e madeiros,
E cousas muitas de nós não conhecidas :
Dêste castigo de Tupan, sómente escapárão dous,
De tez clara mais que o jambo lindo,
Os olhos azues, como o limpo céu,
Barba espessa, qual a piassava fina,
Um pouco ruiva, côr da piassoca ; (**)
Vestidas roupas de extravagantes fórmas,
Que da natureza o bello talhe occulta :
Eis o que diz a lenda, que o Pagé venerado,
Nos contou !...

ANAJÁ

E que fim tiverão elles ?...

HIPÉITA

Um morreu de tristeza e o'outro de molestia.

HURU'

Corramos á praia. Vamas vêr o que será.
Se forem amigos nossos, agazalho lhes daremos
Em nossa taba. Partamos (*Vão, menos Carahy*).

SCENA XII

CARAHY E DEPOIS PACAHY (*Traz comsigo dous indios*)

CARAHY

Oh ! gran Tupan, moderai de Hurú

(*) A noite. (**) Lua minguante. (***) Ave paludosa, côr de cobre alourado, tem vôo rasteiro, e quando vôa o seu canto assemelha-se a uma risada; ha muitas nos charcos do Iguaçu.

O guerreiro genio, e vinde em nosso auxilio (*Pacahy apparece ; Carahy dá um grito de susto e colera, e empunha o arco*).

PACAHY

Carahy, sois minha ; agora em meu poder estaes

CARAHY

Ainda não ! (*E ligeira despede uma flecha, a qual Pacahy a desvia com a clava e a flecha passa.*)

Ah ! malvado raptor ! (*Pacahy faz signal aos indios que se apoderem della.*)

Eu te aborreço... A minha tribu me vingará.

PACAHY

Da tua tribu eu não temo a força.
Quero teu amor, detesto a Hurú.

CARAHY

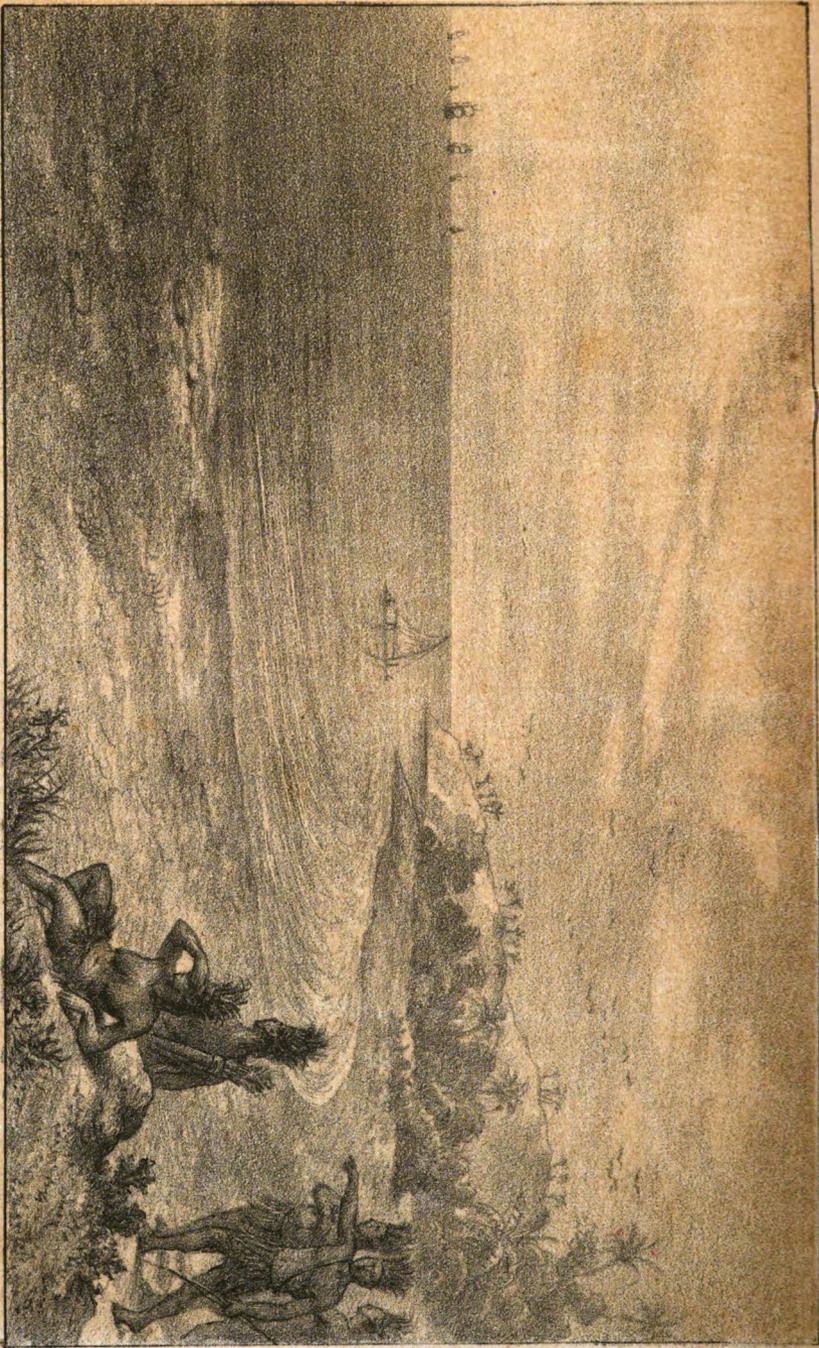
Ah !... (*Os dous indios a ampdraão.*)

(DESCE O PANN0)

FIM DO PRIMEIRO ACTO

Slabo, del. e lith.

Uma paisagem a Norte de Segure de onde os Indignas assistam a festa dos Tangara.



f. K. imp.

ACTO 2.º
O DESEMBARQUE
DA FROTA PORTUGUEZA
EM PORTO SEGURO

ACTO II

Vista da bahia de Porto-Seguro; o panno do fundo representa continuação do mar com algumas ilhas; a scena deve ter a maior extensão possível; ao levantar o panno apparece a caravela em que vem Affonso Lopes, e um marinheiro lançando a sonda e gritando: « Sete braças de fundo... seis braças de fundo. » A caravela passa. Após entra toda frota de Cabral, e dá fundo em duas linhas ou mais. Um escaler toma Cabral e os mais capitães, e toda a comitiva vem em outros: Cabral é o primeiro que salta; depois os mais graduados, frades, padres, soldados e marinheiros. Por detraz das caravelas, e entre ellas, vê-se passar canoas com um e dous indios, homens e meninos. A um lado da scena estão o Pagé, Hurú e Hipéita. Em cima das arvores, montes e pedreiras, estão indios armados que admira-se e gesticulão uns aos outros. O mar brandamente movediço. Epoca—anno de 1500.

SCENA I

(Cabral saltando em terra com a antiga bandeira portugueza e a fincando na praia. Toda a comitiva se formando em ordem, o desembarque é feito com salvas e musica.)

CABRAL

Deos salve a esta nova terra de Vera-Cruz!
Eu Dom Pedro Alvares Cabral, fidalgo
Cavalleiro, almirante, commandante da frota,
Em viagem para Calecut. Em nome de el-rei
Nosso Senhor Dom Manoel Primeiro de Portugal
E dos Algarves, tomo della posse
Como dominios seus, que desde já lhe pertencendo
Fica. Senhores fidalgos, cavalleiros, clerigos,
Officiaes, soldados e marinheiros,
Reconheceis esta nova terra de Santa-Cruz
Como dominio e propriedade
De el-rei nosso Senhor?...

TODOS

Reconhecemos... Viva el-rei nosso Senhor
Dom Manoel Primeiro ! (*Todos dão vivas.*)

PAGÉ (*para Hurú*)

O que dirão?!... Esta encantada gente?!

HURU'

E como são todos tão bonitos ! Julgo-os serem
De diversas tribus. Pelas vestimentas diferentes
Conhecer se fazem.
Alguns têm cocares quasi aos nossos semelhantes ;
Creio serem d'aquelles, dos quaes á Hipêita
O Pagé venerado contou a lenda !

CABRAL

Valorosos portuguezes !
Mais uma nova conquista para o nosso
Reino. Um novo mundo, talvez,
De grandeza immensa, seja esta terra gigantesca.
A gente é boa e docil em seus tratos,
E parece ter os costumes da infancia.
Estes dous que hontem a bordo me levárão, (*Mostra dous
indios já vestidos de carapuça, camisa e bragas*)
Em trages de Adão no Paraiso,
Tomando estas roupas que vestirão
Não parecem á civilização refractarios.
Frei Henriques e mais senhores sacerdotes,
Eis um outro continente de nós desconhecido.
Seu povo é de costumes innocentes,
Que para o gremio do Senhor vamos fazer entrar.

FR. HENRIQUES

Assim o acredito, e para essa grande obra
Invocaremos a Deos em nosso auxilio.

CABRAL

Sim, Frei Henriques, é bem pensado...
Como viestes doente enquanto viajámos,
Vou contar-vos como fiz o meu roteiro.

FREI HENRIQUES

Nobre almirante, tanta honra ; ouvirei com
Gosto e atenção.

CABRAL

Com o intuito de evitar da costa d'Africa as calmarias,
E por ser tambem d'alli ponteiro o vento,
Afastei-me tanto sem querer para oeste,
Que da ilha de São Nicoláo, achei-me longe,
Tanto assim que, de Abril o dia vinte e dous,
Que da Pascoa era a derradeira oitava,
Na latitude de dezeseite grãos ao sul
Avistámos uma montanha grandiosa,
De fôrma redondada e magestosa,
Com grandes serranias em seguimento,
E estas matas enfeitadas de palmeiras
Com gigantescas arvores seculares.
Destes mares desconhecidos, eu receioso,
A dezenove braças fundeámos,
E a seis leguas afastados de terra, por cautela.
Apenas raiou o seguinte dia
Contra a mesma terra navegámos
Em demanda de mais seguro e perto abrigo.
Nicoláo Coelho, que a sondaggm foi fazer,
Não achou fundo para entrarmos,
E sendo então quasi noite e rijo o vento
Forçoso foi então que alli passasse a noite,
Em distancia de terra meia legua.
E demais, não sendo favoravel o vento,
Para poder-se a terra costear,
Mandei contra o norte navegar
Em uma das mais pequenas caravelas

O meu distincto pilóto Affonso Lopes...
Vinde, senhor Affonso Lopes,
Contar melhor ao reverendo o que fizestes.

AFFONSO LOPES

Conforme me ordenou vossa senhoria,
Com o prumo a sondagem fui fazendo
E o mais proximo á terra navegando ;
Depois de dez leguas velejar-se,
Sem recifes nem bancos se encontrar,
Esta bella enseada foi que avistámos,
Ou bahia. E á tarde aqui entrámos.
Indo aprumar por segurança o ancoradouro,
Encontrámos os dous indigenas n'uma almadia,
Que sem susto ou resistencia a nós vierão.
(*Cabral emquanto estes fallão, Diogo anda em roda chamando os indios por palavra e por acenos ; elles des-cem, porém, meio receiosos.*)

CABRAL

São estes, Reverendo Frei Henriques,
Que por acenos comnosco conversarão ;
Ceiarão e bebêrão a regalar,
Sem cerimonia dormirão bem tranquillos.

DIOGO DIAS

Senhor almirante, olhai em roda;
São tantos os indios que avistámos,
Que parece ser o paiz bem povoado.
Em acenos com elles conversei
E os convidei a que aqui viessem (*Cabral olha em redor, e vê grande porção de indios e os chama, Toda gente da frota se fórma de um lado, e os indigenas todos se grupão com o Pagé e Hurú na frente.*)

CABRAL

Boa gente, approximai-vos e a nós vinde.
(*Chama-os por acenos.*)

FREI HENRIQUES

Senhor, será bom e por cautela
Mandar-lhes que as settas as deponhão.

VAZ DE CAMINHA

Parece ser gente muito boa
Que a nossa religião pôde abraçar, (*d parte*)
Irei estudando seus costumes
Para noticias a el-rei tambem mandar. (*Huru' aproxima-*
mando-se com o Pagé e os indios, todos depõem as flechas
e os arcos, e conversão com os portugueses por acenos e
palavras).

HURU' (*para Cabral*)

Filhos de além-mar, séde bemvindos
A' nossa terra.
Tu que parecez ser deste povo o chefe
Deves ser igual a mim em poder e mando.
Se és por Tupan enviado á nossa terra
(*Aponia para o céu*) Iba-kê çugui(*) que nos cobre,
(*Aponia para o nascente*) Goroaçy, que nos aquece
E nos alumia, ybitù(**), que respiramos neste
A'ra(***) , nos será commum.

PAGÉ

Eu que te julgo filho de japinon paraná(****),
Eu que sou o pagé desta taba illustre, juro por Tupan(*****)
Que um ára-erê-oçú(*****) será dado em honra
Vossa e da vossa gente.

DIOGO DIAS

Não lhe posso entender uma só palavra.

CABRAL

Senhor Vaz de Caminha, veja se os pôde
Entender por acenos vossos.

(*) O céu azul. (**) O ar. (***) Terra. (****) Onda do mar. (*****) Deos
(******) Dia de grande festa.

FR. HENRIQUES

Creio que agasalho nos offerecem
E a Deos por testemunho invocão.
Interrogal-os vou. (*Para o Pagé, apontando para o céo*)
Chamas a Deos por testemunha ?!

PAGÉ

Oh !... sim... Deos !... E' por Tupan
Que nós o conhecemos, senhor e creador do ára(*) (*acompanhando estas palavras pelos acenos*).

FR. HENRIQUES

Oh ! senhor, é gente boa, que de Deos
Idéa tem e o adora !... (*Vê-se Diogo Dias com o tocador de gaita, no fundo, a dançar com alguns indios.*)

VAZ DE CAMINHA

Olhai, senhor !... Lá estão Diogo Dias e o gaiteiro
Brincando e saltando, como se fossem amigos velhos.

CABRAL (*admirado*)

A' vista do que vejo e que me espanta
E' ser esta gente boa e hospitaleira.
A el-rei vou mandar participar
Que um novo mundo habitado tem. (*Para todos*)
Senhores, entretei-vos com esta boa gente.
Brincai, folgai e não a maltrateis ;
Dai-lhe vinho e comer do que gostarem,
Prendas, rosarios, ferramentas e o mais que houver. (*Os marinheiros vão aos escaleres buscar esses objectos e os distribuem com os indios, que se vão mostrando alegres, sobretudo aquelles que recebem espelhos, que ficão muito admirados, exclamando : O atuã ! o atuã ! Todos se misturão com os indios, menos os que representão as sumidades da frota... Cabral para o Pagé, Hurú e Vaz de Caminha.*)

(*) O mundo.

Amigos, conversem
Por palavras e por acenos
Para vêr se mesmo assim comprehendem
Cousa alguma (*Cabral e as summidades se afastão a um lado ; os mais agrupão-se em symetria e dançaõ ao som da musica, fazendo acenos, como que conversando; acabado o dançaõ retirão-se todos, e sómente ficão Fr. Henriques e Vaz de Caminha a um aceno de Cabral*).

SCENA II

CABRAL, FR. HENRIQUES E VAZ DE CAMINHA

CABRAL

Senhores, de preferencia convidei-os que ficassem
Para tratarmos de cousas importantes...
A descoberta deste novo continente
Vai muito engrandecer a Portugal...
Desde que cheguei medito seriamente
Das vantagens que este paiz nos pôde dar.
Assim pois, a el-rei vou escrever aconselhando,
Que de promptamente mande gente e tropa,
Para da posse ficar seguro...
Peço as vossas opiniões nesta materia
Da maneira como devo proceder :
Fallai, senhor escrivão Pedro Vaz de Caminha.

VAZ DE CAMINHA

Senhor, vossa senhoria que criterio tem bastante,
Saber e illustração, para guiar-se,
Do meu humilde conselho não precisa ;
Mas, como me autorisa a bem fallar,
Farei apenas, senhor, uma lembrança...
A bordo de uma destas caravelas
Dous homens para o degredo vão,
Um, Affonso Ribeiro chama-se,
Que de Dom João Tello foi particular criado ;
O outro é villão que de letras um pouco sabe,

Que não sei qual o crime commetteu.
Vossa senhoria bem pôde a esses dous homens
Deixar aqui ficar, recommendando-lhes
Aprenderem dos indios a lingua e os costumes,
E conhecer do paiz o que podorem.

FR. HENRIQUES

Senhor almirante, a lembrança do senhor Vaz de Caminha,
Muito tem de sabida e aproveitavel (*Vaz o comprimenta*).

CABRAL

E a vossa, virtuoso Frei Henriques?

FR. HENRIQUES

Que opino tambem da mesma fôrma,
E que para maior gloria do Senhor,
Uma cruz aqui se faça incontinente
Da madeira que nestas matas tanto abunda,
Levantando-se ella em um altar improvisado,
No qual eu a missa cantarei a céu aberto
Rodeiado de fieis. Esta cruz, almirante illustre,
Será o padrão desta nova terra descoberta,
Que o nome destes de Santa e Vera Cruz.

CABRAL (*para ambos*)

Leaes e nobres portuguezes, senhor guardião Fr. Henriques,
Eu vos encarrego de mandar tudo preparar
Para dizer-se a primeira missa em paiz de herege...
E vós, senhor de Caminha, ide dizer a Gaspar de Lemos
Que por mim é elle o escolhido, e que se disponha para ir
Em commissão a el-rei levar tão boa nova.
Agora vos dispenso, meus amigos ;
Ide tambem passeiar e vêr melhor a terra (*vão-se*).

SCENA III

CABRAL (só)

Emfim ! eis-me só para expandir meu pensamento !

(Ajoelhand-se tira o gorro.)

Senhor ! eu vos rendo infinitas graças...

Eu vos agradeço !... Preenchestes os meus desejos !

(Levanta-se e cobre-se.)

Não me enganei !... Simulando fugir das calmarias

Encontrei a terra que suppunha achar...

Como voltarei agora orgulhoso á patria minha,

Presenteando a el-rei com um novo mundo !...

Que importa as descobertas de Almourol,

De Cadamosto, Nola, Diogo Cam,

Bartholomeu Dias, Vasco da Gama e Colombo,

Se delles eu tambem emulo sou !...

Meu nome irá desde agora á posteridade

Para gloria do meu rei e tambem minha...

Oh ! terra de Santa Cruz ! como és bella !...

Elevadas montanhas que vão fender as nuvens,

Imensas costas, surgidouros magnificos,

Mesmo assim agreste e tão selvagem !

Teus pacificos habitadores, tuas aves lindas !

E quantos thesouros encerraráõ teu seio ?!

Teus limites onde irão dar,

Que supponho serem de extensão immensa !...

Oh ! basta de enthusiasmo, que desejos não tenho

De ser assim sorprendido pelos meus subditos...

Vamos em busca dos amigos e companheiros.

SCENA IV

VAZ DE CAMINHA, DIOGO DIAS E AFFONSO LOPES (*entrando na scena Diogo Dias abraçado com dous indios, o gaiteiro tocando, os indios fazendo evoluções ao som da gaita e cantando.*)

Os INDIOS (*cantando*)

Tupan, esta gente é nossa amiga ;
Nos deu o oatuá(*) e a curuçá(**).

DIOGO DIAS

Meus amigos, creio ficar indio d'esta vez,
Porque com elles tenho brincado tanto,
E já estou de folgar bem cansadisso.
Pedro Tejo tocando gaita,
E com elles a pular e as cambalhotas ;
Temos sido muito festejado
Por estes grandes cupidos pardacentos.

VAZ DE CAMINHA (*para Affonso Lopes*)

Pasmo estou do que tanto tenho visto ! ..
Que fertilidade ! Que grandeza !...
Internámo-nos um pouco pelo mato,
E lá fiquei de bocca aberta e admirado !...
E' tanta a caça e frutas diferentes,
De sabor e aroma nunca visto !
Lindas flôres e passarinhos tão dourados
Que ser parecem pelos anjos matizados !...
Depois, vêde ! desta gente a innocencia
Que de suas vergonhas não se offendem.
Eu julgo esta terra do paraiso fazer parte ;
Não ha aqui o menor trabalho, cultivo ou arte.
Uma carta vou escrever ao nosso rei,
Tão grande, minuciosa e singular,

(*) Espelho. (**) Cruz.

Que em alguns topicos lhe provocará o riso,
Mas de sincero estylo e conto verdadeiro.

AFFONSO LOPES

Patricios meus, como vós, tambem estou contente
Da grandeza de um reinado tão feliz.
D. Manoel é um dos reis mais ricos
Do mundo, possuidor de terras e mares nunca vistos.
O almirante acaba de ordenar
Que uma grande funcção hoje aqui se faça :
Missa cantada com musica e prégção,
E para esse fim e gloria do Senhor
Se está fazendo uma grande cruz daquelle lado,
(*Faz a indicação*) Auxiliando-nos os indios com prazer,
E um espanto tal que nisto mostrão,
Na maneira do trabalho e das ferramentas,
Que de improvisò fazer querem, como nós,
Aquillo que só com tempo se aprende (*Apparece Pacahy ;
os indios que estão brincando com Tejo assombrão-se e
gritando fogem, indo tambem Tejo.*)

Os INDIOS (*correndo e fugindo*)

Pacahy, abá carimbaboçú... abá carimbaboçú ! (*) (*Desap-
parecem ; Pacahy pdra com nobreza ; os portuguezes o
olhão admirados.*)

SCENA V

Os MESMOS, PACAHY E DEPOIS O PAGÉ

VAZ DE CAMINHA

Quem será tal figurão
Que tanto terror infunde a esta gente !...
Parece ser de outra freguezia
E a estes não dar bom agasalho. (*Para Pacahy*)
Bons dias, amigo?...

() Valentão.

AFFONSO LOPES

Bonito mancebo ! Que nobreza a sua !
Parece ser de outra nação: tem enfeites de pennas diferentes.

DIOGO DIAS

Vou vêr se o comprehendo em alguma cousa.
(A Pacahy) Amigo, como se chama ?...

PACAHY (*d parte*)

Não o entendo, mas vou dizer quem sou. (*Alto*)
Sou Pacahy, valente chefe da tribu dos tupinás ;
Os tupiniquins me fazem guerra, mas eu não os temo.

AFFONSO LOPES (*Entra o Pagé*)

Como falla com garbo e ousadia !...

DIOGO DIAS

Porém nada entender podemos ;
Creio um magnata desta terra.

PAGÉ

Pacahy, que imprudencia esta !
Vir aqui affrontar teus inimigos !...
Hurú perto se acha com o chefe desta gente
Que chegarão á nossa terra como amigos,
E se este factó não se desse hoje
Talvez fosses atacado amanhã.
Procurei-te para dar-te esta noticia
E alerta estares para evitar sorpresas...
Carahy ?...

PACAHY

Hontem mesmo rapteia. Lá está na taba,
Sempre raivosa e a chorar...
Qual é o teu juizo sobre esta estranha gente
De côr clara e vestes tão bonita ?...

PAGÉ

São guerreiros, habitantes de outras terras,
Que sabem viajar por longos mares ;
Dizem outras terras terem visto
De raças diferentes á nossa e a delles,
Que têm um chefe poderoso e rico
E a Tupan adorão em templos magestosos ;
Elles dizem ficarem sendo nossos amigos,
Deixando connosco dous dos seus,
Como perfeita prova de alliança...
Hoje vai haver aqui uma funcção
Em honra do Tupan a quem adorão,
E de vestimentas de côres bem honitas
Já se apromplão ao festejo começarem ;
Se queres vêr vai disfarçar-te e volta aqui,
Que envolvido entre os nossos, junto a mim,
De um lugar verás tudo o que houver...
Parte, vai depressa. Elles alli vêm ;
Hurú os acompanha, e vêr-te não convem.

PACAHY (*fallando com acenos aos portuguezes*)

Adeus, amigos ; Tupan vos guarde :
E' preciso agora eu partir. Nos tornaremos a vêr.

PAGÉ (*esforçando-se por se fazer entender*)

Vai partir.
E' assim como eu teu amigo ;
Mancebo, cacique de pião-çú(*) e generoso.

AFFONSO LOPES

Tenho pezar não entender tão boa gente,
Que parecem ser amigos nossos.

PACAHY

Tupan-açú (*vai-se*). (**)

(*) Audacia. (**) Deos te guarde.

SCENA VI

(*Entra toda comitiva da frota; Hurú ajunta-se com o Pagé e Hipéita*)

CABRAL

Meus nobres amigos, irmãos d'armas,
Sinto-me satisfeito de riqueza tanta
Que esta terra apresenta ás nossas vistas.
Me parece ser paiz bem vasto,
Mas não sei se ilha ou continente.
São tão gigantescas as suas matas
Que a todo Portugal darão madeira.
Emfim, amigos meus; louvores devemos dar a Deos
Por tantos beneficios grandiosos.

FR. HENRIQUES

Senhor, conforme vossas ordens
Prompto está o altar, com a santa cruz erguida
Para fazer-se com decencia da missa o sacrificio.

CABRAL

Eu vos agradeço, Frei Henriques,
E vós peço que antes da missa,
Ouças de confissão aos degradados,
Os quaes pretendo deixar aqui
Para bem conhecerem a terra,
E usos e costumes desta gente...
Affonso Ribeiro, José Taveira, (*Estes sahem á frente e ouvem*)
Vocês ão degradados para a Africa;
Porém á vista do que tem acontecido
Ficarão aqui com esta gente
Para delles o idioma o aprender;
Fazei de ganhar-lhes a confiança,
Porque parece serem bem pacificos.
Dar-vos-hei quanto fôr preciso
Para vossas defesas, segurança e bem estar...
Breve el-rei mandará reconhecer

Esta terra por outros capitães ;
E quando delles a lingua já souberem
Dizei-lhes o nosso poder, nossa riqueza,
E ensinai-lhes a santa religião.
Se bem procederem nesta fôrma
Vos garanto desde já vossos perdões (*Estes retirarão-se cabis-
baixos atraz de Fr. Henriques, quiz para um lado os vai
confessar*).

HURU' (*para o Pagé*)

Pelo que vejo, aquelles são culpados
Que vão algum castigo receber !

CABRAL

Senhores cavalleiros Nicoláo Coelho, Ayres Gomes,
Pedro de Athayde e Simão de Pina,
Dai cada um o braço a um filho desta terra
Para ante a cruz do Crucificado
A missa ouvirmos com toda reverencia (*Os cavalleiros con-
vidão os indios e de braço esperão*).

FR. HENRIQUES (*que, tendo confessado os dous, os apresenta
a Cabral*)

Senhor, vosso pedido satisfeito está.
Ambos se mostrarão bons christãos
E protestão fazerem tudo a bem de el-rei.

CABRAL

Agora, meu bom padre,
Somos nós que estamos ás vossas ordens ;
Vamos para a missa, meus senhores (*Formados em ala,
com Cabral á frente e os principaes, dão uma volta na
scena, e seguem para dentro ao som de uma bonita
marcha ; apenas todos desaparecem ouve-se ao longe a
musica acompanhando o canto da missa. Pacahy em
trages de tupiniquim atravessa a scena apressado, e
vai-se para o lado onde os outros forão*).

SCENA VII

PORANGABA E DEPOIS ANAJÁ

Estou deslumbrada e fascinada !
Que lindos guerreiros meus olhos virão.
Serão filhos do ybáké(*) ou de jacy ? (**)
Seus vestidos de côres tão brilhantes,
Como os nossos campos na estação das flôres. (*Olhando para
os navios.*)
Lá estão os maracatins-açu em que vierão... (*Pensativa...*
Anajá apparece e vai a seu encontro.)
Anajá ! a quanto que te não vejo !...
Porém o que tens, estás doente ?...

ANAJÁ (*triste*)

Sim, Porangaba, estou doente
E de pezares cheia... Carahy...

PORANGABA

O que tem ella ?...

ANAJÁ

Foi-me roubada !...

PORANGABA

E quem foi o atrevido tão ousado,
Que não teme de Hurú feroz vingança !

ANAJÁ

Pacahy, o valente, que não teme a Hurú.

PORANGABA

Pacahy é moço e bello,
E' tambem cacique e poderoso.

ANAJÁ

Carahy o detesta por ser tapuio.

(*) Céu. (**) Lua.

PORANGABA

Isso não é verdade. Pacahy é chefe tupiná ;
E' o primeiro da sua tribo.
Os tapuios são ladrões como os macacos,
Porém, Pacahy é guerreiro nobre ;
Sua tribo amiga do trabalho :
Pescão, vão á caça, fazem rêde e casas.

ANAJÁ

Carahy não o quer ; delle não gosta
E não sei para que elle a levou !
Proceder assim é ser muito mão ;
Hurú lhe dará outro combate.

PORANGABA

Oh ! Anajá, eu tambem sou bem infeliz ;
Meu pyá(*) está vasio de amor,
Em toda nossa taba não ha um só mancebo
Que fira de pirapotara(**) o meu pyá.
Quando durmo, attribulados sonhos
Me desperta exaltada, e me agitando a alma
Faz-me aborrecer a vida (*canta*).

Quando goroacy no horizonte
Se mergulha no immenso mar,
Vem petúma(***), fico triste,
Só sentindo meu pezar.

ANAJÁ (*canta*)

Infeliz, ser mãe e ter
Uma filha assim perdida ;
Traspassada tenho a alma,
No coração mortal ferida.

(*) Coração. (**) Amor. (***) Noite.

PORANGABA E ANAJÁ (*cantão juntas ; Pacahy apparece, pdra e escuta*)

Oh ! Tupan, dai-nos ventura
A quem seus amores anda á procura,
Antes que goroacy torne a nascer,
Antes que jacy torne a crescer.

SCENA VIII

AS MESMAS E PACAHY

PORANGABA

Um guerreiro !... Pacahy disfarçado em tupiniquim !...

ANAJÁ

Cacique máo ! Que proceder é este !...
Onde está minha filha, que fizestes della ?...
Dá-lhe a liberdade que serei tua escrava,
Porém respeita sua pureza (*Pacahy cruza os braços*) ;
Não faças uma mãe morrer de dôr,
Ou cedendo ao desespero atirar-se em paraná-açu(*).

PACAHY

Anajá, quem julgas tu que eu sou ?!
Os da tua taba e o teu chefe Hurú,
Com desprezo me tratão e com desdem
Chamando-nos de tapuios ;
Nome injurioso que os da nossa tribu
Sómente dão aos ladrões e antropophagos.
Hurú, também ambicioso
Como seus avós, principiou a fazer-nos guerra ;
Não a guerra franca e leal como a das aves,
Mas sim a guerra traiçoeira e de emboscada,
Como a do jaguara-eté(**) esfamiado,
Que escondido no mato espera a incauta presa,
Acreditou de mim apoderar-se

(*) O mar grande. (**) Especie do onça.

Para matar-me e fundir as tribus,
E fazendo-se cacique poderoso
Marchar á paraná-açú(*), e lá,
Assaltando também os tupinambás,
Fazer-se o senhor de toda esta grande terra.

ANAJÁ

Porém minha filha disto não tem culpa !

PACAHY

Antes não tivesse ! Ella ama a Hurú e me despreza ;
Assim, portanto será minha prisioneira...
Se queres viver com ella
Para minha taba podes ir...
Carahy será sempre respeitada por mim,
Como se fosse uma hospede...
Bem vêes Anajá, que sou leal ;
Quanto a Hurú, já o tive sob os meus golpes,
E se o quizesse amarrado já o teria
Para na minha tribu ter-lhe dado a morte.

PORANGABA

Oh ! não se pôde negar que és valente e nobre ;
Pacahy, se eu te podesse amar seria tua.

PACAHY (*abraçando-a*)

Porangaba(**) dos bosques, como és meiga e boa...
Se não amasse loucamente a Carahy,
Dar-te-hia também meu coração... (*Para Anajá*)
Pensa e resolve.

ANAJÁ

Minha filha !...

PACAHY (*com raiva*)

Não sahirá do meu poder
Para fazer a ventura do inimigo meu...

(*) Bahia. (**) Grande belleza.

Oh ! mulheres cruéis e caprichosas,
Que nos perturbam a razão com sua belleza
Para nos torturar o coração !... Pois bem,
Assim seja !... Carahy não será minha,
Porém de Hurú não será também...
Adeus, Porangaba (*vai-se*).

SCENA IX

ANAJÁ E PORANGABA

PORANGABA

Consola-te, Anajá ; Pacahy não é tão máo.
Tanto é valente, como generoso.
Tua filha está garantida
E tens a liberdade de poder estar com ella.

ANAJÁ

Pois hei de abandonar a tribu ?!... Se tal fizer
Por traidora serei amaldiçoada...
Merecerei o desprezo dos meus
Ficando á infamia condemnada !...
Oh ! que insensato amor !...
E ser eu uma mãe desventurada
Para tanto soffrer sem culpa ter.

SCENA X

AS MESMAS, HURU' E O PAGÉ

HURU'

Anajá aqui !... o que aconteceu ?...

ANAJÁ

Carahy... roubada... e presa !...

HURU' (*raivoso e admirado*)

E quem foi a raposa ?... por acaso seria...

ANAJÁ

Pacahy !...

HURU'

Oh ! anhangás... oh ! Pacahy !...
E' de mais um de nós sobre a terra !
Parece que Tupan tem ordenado
Que no ára eu não tenha mais socego.
Quando goroacy se occultar e vier petúma ;
Quando o orvalho cahir,
Humedecendo a folha do oity,
Irei procurar Pacahy e combateremos,
E aquelle que sahir victorioso
Terá a cabeça do vencido.
Oh ! terra de meus pais ! céu, mar,
Florestas e rios, talvez seja hoje o dia derradeiro
De uma vida tão amargurada !... Oh ! Pagé,
Quanto soffro !... Como é cruel o veneno do ciume !...
E' ainda mais mortal que a picada da jararaca,
Mais picante do que as garras do jaguar ;
Ellas não nos fará tremer tanto (*treme de raiva*)
Com a dôr da morte,
Como quando nos sacode o corpo a raiva do ciume.

PORANGABA (*para Anajá*)

Anajá, eis que fizestes !
Esta imprudencia mais remedio não terá ;
Uma luta vai-se dar e talvez hoje,
E haverá mortes e desgraças !...

ANAJÁ

Oh ! Tupan !... vinde em meu soccorro ;
Pagé valhei-me... Anajá ! eu enlouqueço,
A dôr é grande.

PAGÉ (*pensativo*)

E' preciso um pouco reflectir (*d parte*)
Para vêr o que fazer-se deve ;
E' preciso que não se trave a luta

Emquanto os hospedes brancos aqui estão,
E' mesmo bem preciso que se espasse o tempo.

HURU[^]

Está jogada a sorte. Eu parto (*vai-se*).

PAGÉ (*d parte*)

Ainda retardarei minha vingança (*Apenas vão a partir
vê-se Pacahy com as suas proprias vestimentas descendo
por um monte, seguido de dous guerreiros dos seus ;
vem ao meio da scena e estendendo o braço para onde
Hurú se foi*).

PACAHY

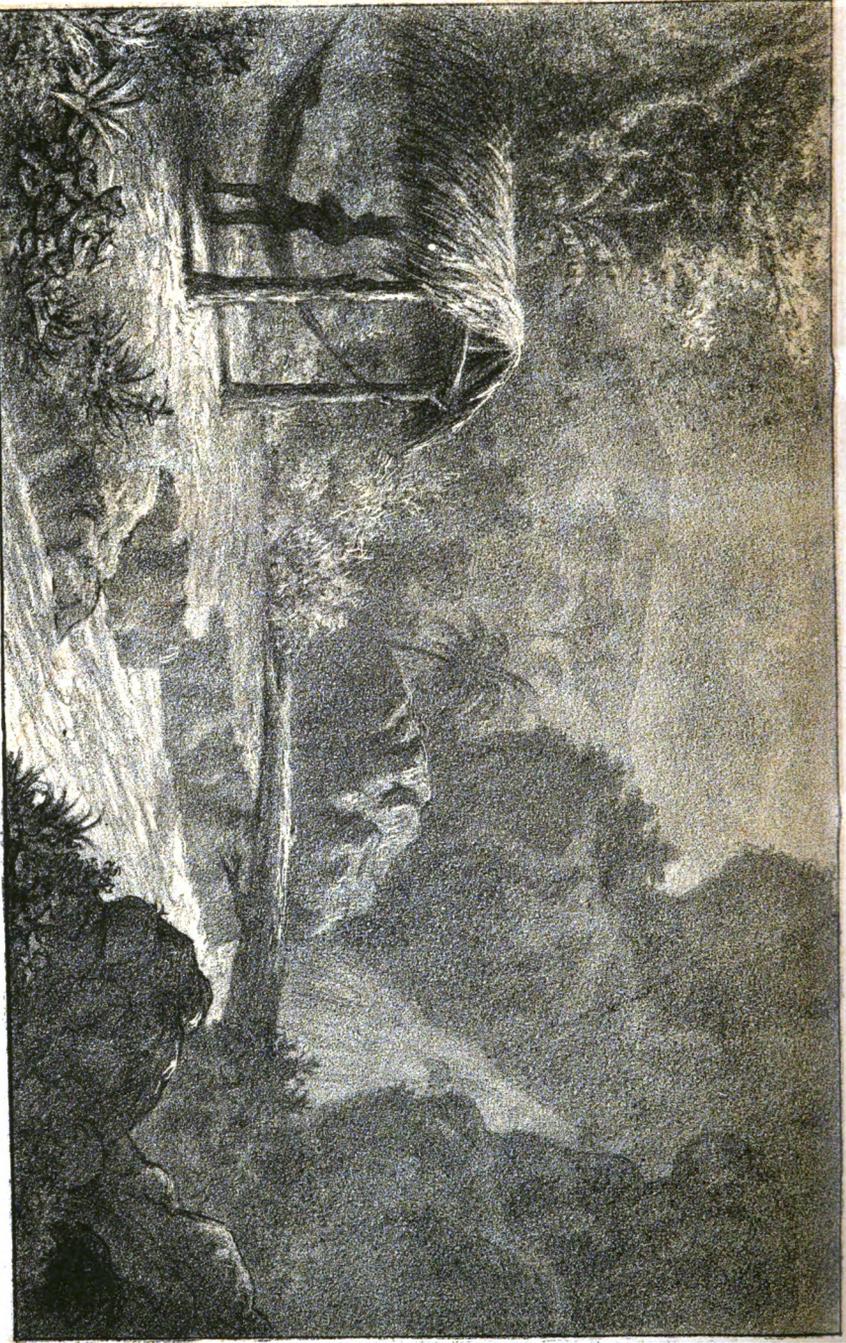
Ainda não será esta noite !
Hei de atormentar-te e não aceitar combate
Até bem satisfazer minha vingança.

FIM DO SEGUNDO A CTO

S. Lobo del E. L. H.

Parte da Serra e montada de S. Jacinto.

G. K. Imp.



ACTO 3.º

1.º QUADRO

A PRIMEIRA MISSA

DITA NO BRAZIL

2.º QUADRO

A MORADA DE PACAHY

NA PONTE DA CASCATA

ACTO III em dous Quadros

Quadro I

Representando a primeira missa dita no Brasil. Uma grande cruz de madeira tosca em um altar improvisado, ornado com flôres e palmas silvestres. A scena deve ser disposta de maneira que se aviste o mar em redor. Sobre as arvores estão indios e tambem espalhados. Os indios imitão tudo que os portuguezes fazem durante a cerimonia. Ao levantar-se o panno simula que o sacerdote concluiu a missa; todos benzem-se e ha a cerimonia de acompanhar o prégador ao pulpito, que é improvisado em uma cadeira, em a qual sobe Fr. Henriques a fazer a pratica; neste acto está no primeiro lugar Cabral entre seus capitães e depois os menos graduados. Avista-se em distancia alguns navios da frota; deve haver todo capricho nesta decoraçãõ: no fim da pratica salvas e musica. Entram em scena todos os portuguezes.

SCENA I

FR. HENRIQUES (*prégando*)

« Agemus tibi gratias. Omnipotens Deus, pro universis beneficiis teus.

« Graças vos damos, ó Deos Omnipotente, por tantos beneficios vossos.

« Quando a vontade do Omnipotente se manifesta nos grandes acontecimentos da terra, a vontade dos potentados perde toda a acçãõ, e forçoso é obedecer ao curso das circumstancias.

« Nobres senhores e valorosos portuguezes, vassallos de um rei christão! Subi a esta cadeira para em breves palavras mostrar-vos como a Divina Providencia, movida por sua propria vontade, tem tomado sob sua protecçãõ o reinado de um principe, que tem sido um dos mais fieis servos da igreja, dando-lhe em recompensa tão innumeradas conquistas e descobertas, as quaes nenhuma nação do mundo tem podido attingir! (*E continúa gesticulando.*)

VAZ DE CAMINHA (*a Diogo Dias*)

Vêde, senhor Diogo Dias,
Como esta selvagem gente está ouvindo
Com attenção religiosa e interesse,
O que não fazem os que parecem
Serem da igreja presumidos e bons christãos.
Assistirão com respeito e adoração
Todo o officio divino praticado,
Benzendo-se e ajoelhando-se,
Como se christãos desde a infancia fossem.

DIOGO DIAS

Na verdade que é de admirar
Em gentes selvagens, como esta é,
Que, se não são do Deos nosso protegidos,
Serão facilmente arrebanhados à fé...

PORANGABA (*para uma india*)

Jacina, vês como são bonitos estes guerreiros tingas(*),
Como adorão a curuçá(**), e a Tupan do ybakê...
Ah! se um delles me quizesse amar!
Porangaba, que até hoje só tem amado as flôres,
Lhes daria seu pyá, e o amaria tanto
Assim como o sabiá ama seu canto,
Que o soltando na floresta virgem
De presente ao echo, elle o repete
Melancolico e triste,
Para o encerrar de novo em o seu peito amante.

HIPÉITA (*para um indio*)

Não vejo a Hurú!... desvairado anda
E parece querer dar outro combate a Pacahy.
Oh! Hurú é teimoso, quer perder-se,
E se tal acontecer, escravo nos fará de Pacahy.

(*) Brancos. (**) Cruz.

FR. HENRIQUES (do pulpito)

« E assim, meus fieis irmãos, rendamos graças ao Altíssimo por nos fazer subditos de um rei tão poderoso e bom. Disse. » (*Desce da cadeira; chegam-se de novo á cruz, fazem um pequeno canto, e descem d scena ao som de musica sacra e melodiosa; depois os sacerdotes para-mentados vão despir as vestes de cerimonia e voltão.*)

CABRAL

Senhores, como bons christãos,
O sagrado dever temos cumprido.
Frei Henriques, o reverendo guardião,
Acaba de dizer a primeira missa nesta terra de hereges
Que hoje fica sagrada e baptizada
Pela santa e benta cruz do redemptor.
De Maio o primeiro dia outra missa se dirá
Com o mesmo esplendor e devoção
Para gloria maior do nosso Deus...
Nobres capitães, senhores cavalleiros,
No dia dous nos faremos á vela
Para cumprir as ordens mandadas por el-rei.
Capitão Gaspar de Lemos,
Amanhã partireis para Portugal.
Senhor almoxarife, vos encarrego de refazer
A aguada e lenha para bem abastecer
A frota. Affonso Ribeiro e José Taveira, (*Esses dão um passo
á frente e depois de ouvirem recuão*).
Vocês esta noite dormirão aqui
E tratarão de agradar estes selvagens;
Veirão se vão aos seus aldeamentos
Para amanhã me darem conta do que virem.

SCENA II

OS MESMOS, O PAGÉ E OS INDIOS DA TRIBU TUPINIQUIM

(*Ouve-se rumor; todos se mostram sorprendidos e fazem alas. Vem d frente Diogo Dias, e o tocador tocando gaita, os indios e indias em marcha; alguns trazem em cesti-*

nhos um caixos de bananas da terra, outro um de cocos do paiz, outro um pato vivo, outro um marreco e outro uns periquitos. O Pagé vem entre Diogo Dias e o gaiteiro. O Pagé se adianta para Cabral, lhe fazendo offertas, e d proporção que vai dizendo em nomes indigenas, os indios que trazem os presentes nos cestinhos os levantão e os mostirão, e a musica tremulando acompanha o recitativo; depois de acabado, os marinheiros os recebem.)

PAGÉ

Apenas goroacy a ybakê subio,
Chegastes a esta yby do ára de Tupan(*) ;
Do teu rosto a côr e os azulados olhos
Te acredito filho de japinon paranan.

Te offereço estes presentes de nossa yby,
Boas pacobas, ypecú, polery(**) e periquitos,
Ibaçu(***), cajú, o maracujá bello,
E mãis regalos nunca de vós vistos.

Um ára-ere-oçú, (****) em tua honra,
Vamos dar em signal de alliança,
E será o juçana(*****) que nos ligará na yby,
Como prova de jeauçuba e confiança.

(Cruza os braços no peito e faz uma misura.)

CABRAL

Pagé, em nome do teu e o meu Tupan,
Eu o filho de além mar te agradeço,
E ao meu Monarcha farei sciente,
Que desta boa terra, o seu povo é boa gente.

(Os marinheiros, a um aceno de Cabral, retirão os presentes, e os indios fazem um bonito dançado d sua moda; acabada a dança, Cabral falla para todos.)

(*) Terra do mundo de Deos. (**) Bananas, pato, marreco. (***) Cocos. (****) Funcção. (*****) Laço. (*****) Amor.

O dia está a findar-se e passou-se divertido.
Retiro-me para bordo, contente e satisfeito ;
Tornaremos em todos até o da partida
Que será breve, e depois da outra missa
Diremos adeus a esta gente boa e hospitaleira.

(Seguem para embarcarem-se e o panno desce.)

Quadro II do 3º Acto

Vista de uma selva ; a um lado, no fundo, uma grande cascata que se despenha em um rio, do qual se ouve o susurro das aguas ; uma ponte agreste, feita de um tronco de arvore, dá passagem ; do outro lado está uma cabana aberta, coberta de folhas de palmeira, e Carahy deitada em uma réde : a lua reflecte sobre as aguas da cascata.

SCENA I

CARAHY E PACAHY *(Carahy dormindo e sonhando. Pacahy, de pé, de braços cruzados, a contemplando triste)*

PACAHY

Dorme, bella flôr dos bosques... dorme !
Teu somno é agitado como o da çuaçu(*),
Assustada pelo caçador.
E's tão poranga(**) como o ára(***) da primavera.
Quando os campos de ipé floridos
Se cobrem de flôres, semeada pela ybytú(***) da manhã ;
Tanto eu a amo, quanto ella me aborrece...
Move-se... entreabre os labios... Parece quer fallar !...

CARAHY *(sonhando)*

Mãi... mãi... foi Pacahy... e...

PACAHY *(exaltado)*

Ah ! falla em meu nome ! Acaso... oh !
Não !... creio ser illusão de meus sentidos...
Escutemos de novo.

(*) Corsa. (**) Bella. (***) Tempo. (****) Brisa.

CARAHY

Mãil... o Pagé... sim, é Hurú, sim, eu o....

PACAHY *(com raiva)*

Hurú !... oh ! que sempre o nome invoca
Deste jaguar, quando sonha !...

CARAHY

Mãil... *(Ergue-se da rede e dando com Pacahy)*
Ah !... *(Anajá aparece, faz uma pequena parada,
corre a Carahy, que sahe da rede e abraça sua mãil.
Pacahy, conserva-se na mesma posição.)*

SCENA II

PACAHY, CARAHY E ANAJÁ

ANAJÁ

Filha... filha... *(abração-se)*

CARAHY

Mai... mãil !... Que alegria meu pyá sente.

ANAJÁ

Pacahy, ha um acajú que Carahy está
Em teu poder. Olha bem para mim...
Vê como a dôr materna destrôe a alma...
Não pude mais resistir a tantas saudades,
E venho a tua obra completar !...
Fugi da taba, abandonei a tribu...
Passei-me para a tua de tupinás,
Da qual Hurú é inimigo mortal...
E tu bem sabes qual é o castigo que terei,
Se agora cahir nas mãos dos meus !
Serei amarrada n'um pé de gynipapeiro,
Flechada cruelmente e depois ainda viva
Devorada pelas chammas !...

Oh ! que é horrivel pensar em tal castigo !...
As fêras morrem em defesa de seus filhos,
E eu, que forças não tive para a minha
Acautelar de ti,
Venho voluntaria ao captiveiro
Morrer com ella.

CARAHY

Mãi, não falles assim !
Tuas palavras me torturão a alma. (*A Pacahy*)
Jaguar feroz e traiçoeiro, peor que o jacaré,
Roubastes-me, e a minha mãi comprometter
Fizestes... Oh ! Tupan ! mandai sobre este mão
Cacique um ybyty-ayba-çuigoára(*) que o fulmine !
Oh caytetú devastador,
Inda peor que jurupary ! E' melhor matar-nos
Já que fizestes sermos desprezadas dos nossos.

ANAJÁ

Filha ! não dezesperes...

PACAHY (*comprimindo a raiva*)

Deixai ella dizer o que quizer ;
Tendes ambas contra mim amargas queixas,
Isto é bem verdade, eu não o nego ;
Porém, quem como eu nobremente
Tem procedido, desprezo não deve merecer !
Allucinado pela paixão roubei-te ao teus,
Porém, cacique valente que tudo posso aqui,
Ao dever da honra ainda não faltei ;
A Tupan invoco por testemunha,
Porque elle melhor lê em minha alma
Os nobres sentimentos que o meu coração adornaõ.
Não queres ser a cacique da minha tribu,
Assim seja, porque assim o queres ;
Porém te digo que jámais serás do cacique Hurú...
Immortal inimigo somos.
Assim como é o tapira(**) do cangussú !...

(*) Raio ardente. (**) Anta.

Brevemente iremos travar batalha,
E será uma batalha de extermínio,
Porque nestes lugares. . dous caciques !...
Hurú, é de mais !

CARAHY

Oh ! Tupan !...

PACAHY

Tu o lamentas, porque o amas ;
Porém eu tenho por dever aborrecê-lo
E sua morte quero !
Seus avós, nos movendo a guerra, sempre
Nos aniquilando ; repellerão a nossos pais,
Para além dos bosques,
E as praias que erão nossas, nos roubando,
São hoje suas... O pai de Hurú,
Deixou-lhe por herança o extermínio aos nossos,
E Hurú sem motivo, traiçoeiramente
Emboscado nos assalta. E hoje á força quer
Arrancar-me a posse desta terra,
Da qual sou dono e sou o Senhor !...
Elle é audaz e contumaz, bem o sei,
Mas não o temo. Já tive em minhas mãos
A vida sua. Mas quiz então provar-lhe, que,
Quem aos traidores abate, desprezal-os deve ;
Porém, como tu não me amas
E elle é tão vil que te não merece...
Morrerá ! E as terras que forão de meus pais
As reclamo hoje.
Quero ser o senhor deste paiz todo ;
E alliança fazer com a lusa gente.
E a ti, soberba filha de cacique, o meu desprezo !...
De agora em diante não te quero mais,
E nunca mais verás a Hurú emquanto vivo...
E depois d'elle morto... ficarás livre (*vai-se*).

CARAHY (*maguada*)

Oh, mãe ! que Tupan me mate

Neste instante para tormentos tantos
Não soffrer !...

ANAJÁ

Que cruel destino nos reservou Tupan !...
Eis o resultado de uma guerra injusta
Por ambição sómente promovida !
E nós, infeliz filha, a soffreremos as consequencias
De tão errado passo... Porém.... vejo alguém
Que pela ponte passa ! (*O Pagé vem atravessando a ponte
e desce á scena.*)

SCENA III

ANAJÁ, CARAHY E PAGÉ

CARAHY

Pagé ! tu aqui em inimigas terras !...

PAGÉ

Admiração te causa ?!...

ANAJÁ

Sim, porque Pacahy é inimigo nosso !
E disposto está a Hurú, matar.

CARAHY (*d parte*)

O Pagé vem aqui !... Oh ! tudo comprehendo !
Eis a razão pela qual Hurú, de emboscada foi
Atacado (*Fica pensativa*)

PAGÉ

Anajá a tribu toda em alarma está ;
Tua fugida certa já foi lá sabida.
Hoje, ao amanhecer em vão buscárão-te,
Para o cauin distribuires aos guerreiros ;
E tal foi a consternação por este facto
Que as donzellas que te amavão, á dôr se entregão .

ANAJÁ

Dizei lá na taba dos tupiniquins,
Que Anajá não pertence mais a essa tribu ;
Que busquei minha filha, o unico bem que tenho,
E aonde ella estiver será ahí a minha taba.

CARAHY (*d parte*)

Creio ter adivinhado tudo !...
Este Pagé, protege de Pacahy a causa !...

PAGÉ (*d parte*)

Carahy, desconfia de mim, tenho certeza ;
Compreheende o motivo que me traz aqui...
Onde estará Pacahy !... Mandeí dizer-lhe
Que, ao apparecer de jacy, além da ponte me esperasse,
Dando por signal—a canção da lua (*ouve-se Pacahy cantar*).

Quando fôr noite
E que jacy sahir,
Passai pela ponte
E podeis aqui vir. (*Os tres respondendo tam-
bem em canto, porém, d parte ; um do outro.*)

CARAHY

A traição já conheço do Pagé.

ANAJÁ

Vejo aqui um grande mysterio.

PAGÉ

Para Hurú, não haja compaixão.

OS TRES (*em côro*)

CARAHY—Jacy alumia uma grande traiçãc.

ANAJÁ—Neste canto nocturno ha mysterio.

PAGÉ—Chegas a tempo, vinde a correr.

SCENA IV

OS MESMOS, E PACAHY E UM ÍNDIO

PAGÉ (*tomando Pacahy á parte*)

Receioso estava que faltasses
A esta entrevista tão precisa.
Hurú, continúa contra ti raivoso
Desde que Carahy, para aqui trouxestes ;
Apenas hoje despontou a aurora,
Que pela falta derão de Anajá,
Ficárão todos os guerreiros enfurecidos ;
Hurú, tirando proveito deste facto,
Induzio a tribu para nova guerra,
E, assentindo ella a tal convite,
Esse grito echóu em toda a taba,
E do boré o som se repercutindo
Pelos valles e montes, resoou tão forte,
Que a çuçarana estremeceu e tambem rugio.

ANAJÁ (*para Carahy*)

O que dirá o Pagé a Pacahy,
Que tão attento o escuta pasmo !...

CARAHY

Oh ! mãe, o pyá bem me dizia
Que o Pagé era um coty(*).

PAGÉ

A muito que propalo lá na taba,
Quando propicia occasião se faz,
Que estas guerras de Hurú, são fataes e ruins,
Perdendo-se os guerreiros e enfraquecendo a tribu.
O combate do acajú passado, que funesto foi
Pelo aviso que te dei do plano occulto,
E no qual Hurú, deve a vida ao meu pedido,
Tal effeito produzio aos mais cordatos
Que propensos alguns estão de se oppôrem á guerra.

(*) Traidor.

Deste meio se tirará grande vantagem,
Porque Hurú, não quer da guerra desistir.
Constrangendo a todos irem pelear,
E fiz entre elles propalar tambem
Que tua tribu é valente e nobre ;
Que és cacique bom, rico e generoso.

PACAHY

Pagé, eu te agradeço tantos serviços.
Bem sabes que não sou á guerra afeiçoado :
E' Hurú, quem agredir-me sempre vem.
Assim traiçoeiro, como o jaguar
Busca o manso çuaçú(*) inoffensivo,
Que descansando no mato jámais pôde
Estar tranquillo, receioso do inimigo assalto.
Por desprezo dá-me o nome de tapuio,
Rancoroso aos meus sempre matando ;
Merece ser por tanto castigado
E do mundo para sempre separado.
Alli está Carahy a quem... amo... tanto,
Que por elle me vota só desdem (*Carahy estremeço*).
Usurpou-me o amor, quer tirar-me a vida,
A patria, a luz e a honra !...
Pagé, acabada a guerra, nova existencia
Havemos ter. Os dous lusos que abandonados
Aqui ficarão... são meus amigos ;
Eu lhes faço todo o bem que posso,
Soccorrendo-os com rédes, caça e frutas ;
Elles já comigo se abrirão ;
Em troca dos meus francos beneficios
Seu idioma me tem feito o aprender ;
Dei-lhe Porangaba por mulher
Para que fosse sua companheira :
Elles vivem alegres e satisfeitos,
Como vive um casal no patrio ninho.

PAGÉ

Estou sorprezo !... Como podeis conversar com elles?...

(*) Veado.

PACAHY

Vou contar-te. Internando-se elles pelo mato
Vierão ter aqui perdidos. Recebi-os bem ;
Dei-lhes para comer teyú moqueado (*),
Mel de abelhas, aipim e vinho de palmeira;
Ficarão disto tão agradecidos
Que desde então ficámos sendo amigos ;
Deu-me esta mopiaba (*mostra*), que na lingua
Lusa adaga chamão. Tambem chamão
A Tupan Nosso Senhor, a jacy lua,
O goroacy sol, yby-eté terra, ybaké céu
E a botyra, flôr, e outros nomes doces
Na pronuncia, que os hei de aprender
Para conversar comvosco. (*Ouve-se um pio ao longe*).

PAGÉ E PACAHY

São inimigos !...

PAGÉ (*com pressa*)

Parto... se eu fosse visto aqui,
Me obrigarião a tomar mbaê-ayba (**) (*Aparece um indio
correndo até o meio da ponte*).

INDIO (*batendo com as mãos uma na outra*)

Pacahy ! tupiniquim, cetê... cetê!...

PACAHY

São muitos !... Vejamos... (*Curva-se e escuta o chão. Le-
vantando-se*)
São muitos, creio ser a tribo toda,
Porém, inda vem longe.
Devem trazer espias adiante ;
Vou mandal-os agarrar por um caminho
Que delles não é ainda conhecido.

(*) Lagarto assado.

(**) Veneno.

PAGÉ

Então passar não poderei ?!...

PACAHY

Nada receies, vou ensinar-te um caminho
De mim e Porangaba sómente conhecido (*Chega de um lado
da ponte, afasta uma pedra e deixa vêr-se uma pas-
sagem*).

Segui por aqui. Este caminho
Vai ter perto da praia, junto á soqueira
De gurirys(*). Ide sem receio.

PAGÉ (*entrando pelo caminho*)

Até breve e sê vigilante.

SCENA V

ANAJÁ, CARAHY, PACAHY E PORANGABA (*entrando pelo
caminho*)

PORANGABA

Carahy ! Oh ! Anajá tambem vieste ?!

ANAJÁ

Sim, aqui estou ; Pacahy assim o quer.
Reneguei os meus, cumpra-se o fado
Que me foi imposto por Tupan ou Jurupari.

PACAHY

Que novas me trazes ?
Sem fortes motivos aqui não vens.

PORANGABA

Assim é. Venho avisar-te que :
Hurú, em acção de guerra já em caminho vem
Para cercar-te a taba. E que, te pondo em cerco e desespero,
Sem poderes te mover para além do rio,

(*) Coquinhos.

Sem recursos de caça, peixe e frutas,
Enfraquecendo os teus por emboscadas,
O bote te dará em opportuno tempo.
Pacahy, cuidado !... Toda a cautela é pouca.
Bem sabes quem é Hurú ! sempre feroz e...

PACAHY

Nada temo desse animal,
Tão parecido com o jaguar na vileza e maldade.
De cahir em traições suas estou prevenido.
Ha de lhe sahir contrario o intento,
E quando pensar que cercado estou
Lhe darei combate, levando-o de vencida
E repellindo-o até as praias, hei de esmagal-o
E tirar-lhe a vida. Obrigado, Porangaba...
Sempre a tua amizade. A belleza dos teus olhos
Se reflecte em teu coração.

PORANGABA

Affonso Ribeiro e José Taveira,
Mandão-te dizer que com elles contes,
Que têm boa polvora, pistolas e balas,
Com que na lusa terra a guerra fazem.

PACAHY

Terriveis armas na verdade são,
Que matão mais veloz que a garávatana.
Donde será esta lusa gente,
Que mil cousas fazem que nos espantão !...
Suas armas de guerra são medonhas !
Seu atroar é como o ronco de Tupá !...
Dize-me, Porangaba, amas muito a Affonso ?

PORANGABA

Oh ! se o amo !... muito e muito !
Cousas me conta lá da sua terra,
Que desejo ir com elle quando fôr ;
Como a ti tambem me ensina a lusa lingua,
E que ha de me ensinar tambem a lêr ;

Conta-me historias, ensina-me a rezar,
Para que adore o seu Deos supremo.
Oh ! sou muito feliz, Pacahy ! Vivo contente ;
Tenho pezar que José Taveira,
Não queira, Jacina, para sua companheira.

PACAHY

Não pôde proceder de outra fôrma,
Porque é costume e lei na lusa terra
Não ter o homem mais que uma só mulher,
E aquelle que esta lei infringe
E' notado por ter faltado á fé jurada.

PORANGABA

Oh ! eu acho muito bom que assim seja,
E os passarinhos assim praticão,
Guardando fidelidade uns aos outros ;
Vejo nisto ser o Deos da lusa gente
Respeitado como são as suas leis.
Pobre José Taveira, por isso é que vive tão triste...
E' saudade da mulher e dos filhinhos...
Então Carahy não te quer amar !...
Um anno já é bastante tempo.

PACAHY

Espera (*Percorre a scena, olha para os lados e volta*).
Cada vez mais me aborrece (*Como observando ao longe*).

PORANGABA (*A' Carahy*)

Querida Carahy, então !
Porque tanto odeias a Pacahy ?...
Elle é joven e valente.

CARAHY

O que me importa o que elle é ; não gosto d'elle :
Porventura o amor de uma tupiniquim
Se compra pelo que vale a quem não ama ?!

Meu pai foi cacique, rico e valoroso,
E a guerra sempre fez a esta gente,
A quem chamamos tribu de tapuias...
Foi a Hurú, quem primeiro amei ;
Meu pyã o escolheu para ser delle,
E nunca poderá o fado adverso
Arrancar do meu peito amor tão forte.

ANAJÁ

Fatal amor ! Tragico fim eu presagio !
Por duas paixões tão diferentes...
Anhangá(*) se intrometteu com curupira(**),
E fez poçanga-iba(***) para sermos desgraçadas !
Curupira mostrou Carahy a Pacahy ;
Pacahy, sente a dôr de sua flecha ;
Carahy, delle não gosta. Só ama a Hurú

PACAHY (*chegando d' Porangaba*)

Porangaba, é tempo de partires. Dizei aos lusos
Que Pacahy lhes será grato.

PORANGABA (*abraçando as duas*)

Anajá... Carahy. Tupan ! (*Vai-se.*)

SCENA VI

ANAJÁ, PACAHY, CARAHY E ITA-AÇU'

PACAHY (*com voz sopitada*)

Carahy, antes que goroacy appareça no horizonte
Todos os meus guerreiros partirão para combaterem :
Será um combate encarniçado e medonho,
E sem compaixão, como entre nós é uso !...
Os vencidos serão captivos dos vencedores ;
Os feridos de morte se matarão para não penarem,
E a taba incendiada !... Bem sabes que estas são
As leis das nossas guerras.
São bem crueis e ferozes, é verdade.

(*) Diabo. (**) Cupido. (***) Feitiço.

Agora, assim já penso, mas é preciso...
Se eu morrer, dous dos meus guerreiros
Te darão mortal veneno, ou o genero de morte
Que melhor quizeres : fica á tua vontade o escolher...
E se eu matar a Hurú, lhe cortarei a cabeça
Para a lançar a teus pés. E tu ficarás livre...
Eis a minha decisão...
Muito ouro, e pedras lindas,
Que me diz o luso Affonso Ribeiro, serem brilhantes ;
Tenho-as eu, em porção grande.
Se dellas precisares, Porangaba, te as dará quantas quizeres.
Ah ! bem triste é a vespera de um combate de morte,
Quando o motivo tem tambem por ciume a causa !...
Eu contigo poderia ser feliz, mas não me amas ;
Tu me aborreces e não me queres ; portanto,
Cumpra-se o destino. Se eu fôr morto, morrerei consolado
Pela certeza que tenho, de te ir encontrar algures ;
E se ficar vencedor, Pacahy, viverá sempre triste
Até terminar seus dias... Elle irá para as praias
Ouvir o susurro das vagas, irá á cachoeira para vêr
A quêda das aguas ; e quando o relampago
Annunciar o raio pelo ronco de tupá
Estará embaixo da palmeira, que o attrahe, buscando a morte!

CARAHY

Tu és cruel em demasia,
Porém saberei affrontar a morte,
Como verdadeira tupiniquim, filha de um cacique guerreiro.
Saberei com coragem tomar mbaê-ay'-ba(*)
Ou arrostar uma vida triste e resignada.

ANAJÁ

Tupan, dai-me coragem para tambem morrer !

PACAHY

Anajá, conheço que sou cruel em minhas ordens,
Porém, sou arrastado, a proceder assim.

(*) Veneno.

Faço-te mal bem o sei, porém, o destino, assim o quer ;
São os da tua tribo que me impellirão a isso :
Por continuas guerras sempre me fazendo,
Roubando os meus e os matando,
Como se fossem feras de brenhosas matas !
Eis agora a razão de vingança tanta. (*Ouve-se outro pio,*
Ita-Açú chega de novo á ponte e diz)

ITA-AÇU'

Pacahy, tupiniquim, pytá-apecatú.

PACAHY

Fizerão parada ! peor lhes será. Ita-açú ... (*Para o indio*)
Chamai alguns guerreiros e desmanchai a ponte. (*O indio*
vai-se.)

Destruída a ponte ninguem poderá entrar
Ou sahir daqui. E quando eu estiver a partir
O caminho occulto obstruirei. (*Apparecem alguns indios*
que com algum esforço destroem a ponte.)

ITA-AÇU' (*de um lado onde assentava a ponte*)

Pacahy, já não ha ponte.

PACAHY

Podem ir, e estejam alerta. (*Os indios vão-se*)
Toda a tribo marchará daqui a pouco...
Anajá... Carahy, se approxima a hora ! (*Ellas estremecem.*
Pacahy, vai ao fundo, olha em redor, escuta o chão.)
Parece que de novo avanção ;
Ouvi na terra a repercussão de sua marcha. Oh !... (*Com*
exaltação recita, e a musica suavemente o acompanha.)

O inimigo, vem para aqui cercar-me,
Traz gente immensa, para me combater
Com astucia e arte, avançarão um pouco,
Mas ficão perdidos, e sem gloria ter.

Para mim são máos, feroz e damnhinhos,
Sedentos de sangue, só odio me têm.
Os chefes, os guião mal encaminhados,
Só fazendo crimes, não praticando o bem.

Querem surpresas aos meus fazer ;
Dando-lhes tratos e depois a morte,
Porém, errado lhe sahirá o plano,
Porque, na luta eu serei mais forte...

E' chegada a hora de providencias dar,
Em marcha vou pôr os meus guerreiros,
E tambem partir de coragem cheio,
A fazêl-os mortos e prisioneiros.

.
(Acabado o recitativo a musica finda-se.)

Vou partir, e quando já tiver se concluido
A' vontade do destino contra Hurú ou eu :
Carahy, será depois de morta pelo veneno,
Lançada nas aguas do rio, ou viva ; posta em liberdade.

ANAJÁ

E ficaremos aqui entregues á solidão !...

CARAHY

Oh ! Tupan... Tupan...

PACAHY

Aquí ficarão dous guerreiros,
Elles serão teus escravos, teus verdugos,
Ou teus libertadores. Eu parto, por aquelle caminho
Vou sahir. (Para dentro) O' lá... (Apparecem dous indios)
Ficarão aqui de vigia a Anajá, e Carahy,
Para darem cumprimento aos meus mandados. (Os dous
indios assentão no chão e depõem os arcos, d' mão.)

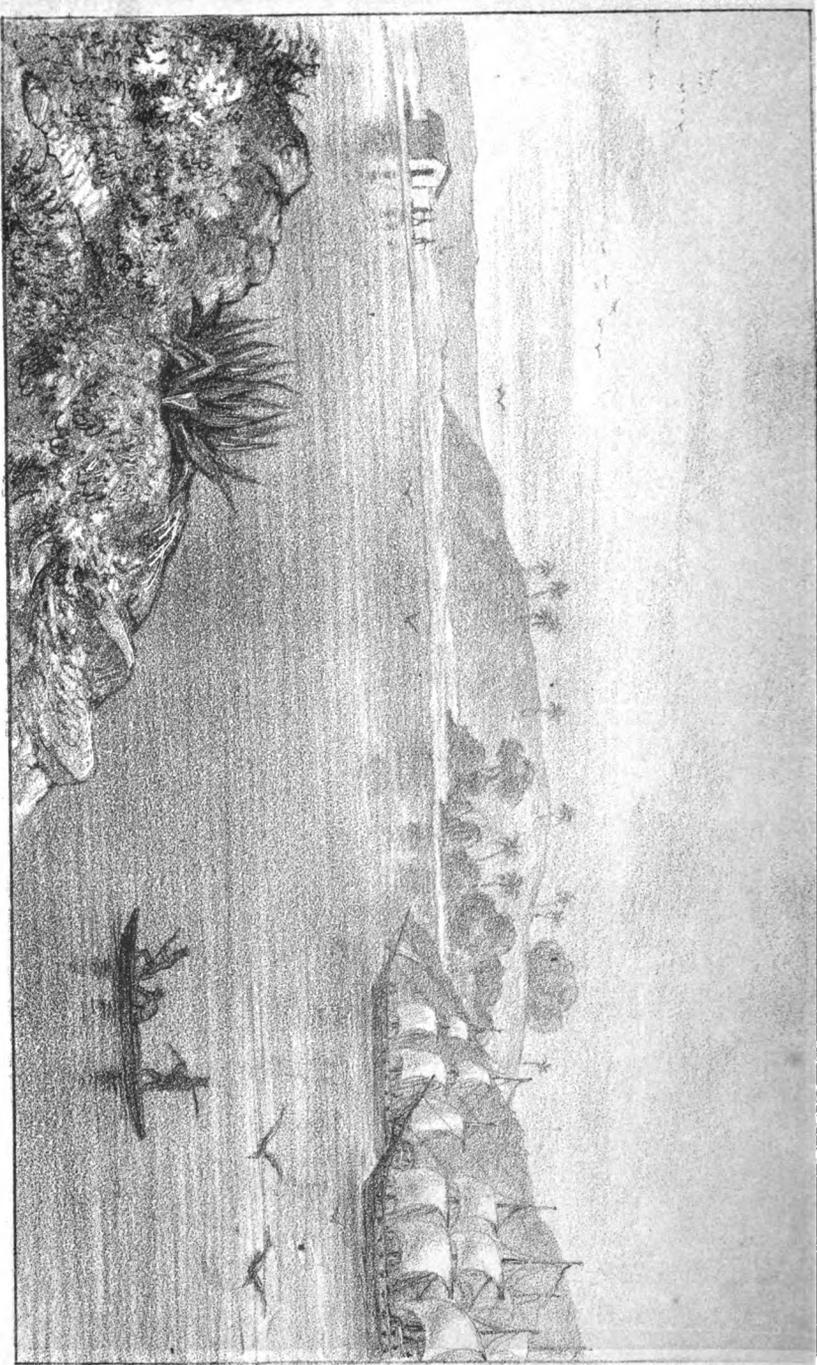
Depois que eu tiver partido
Esperarão a Ita-açú, e farão o que elle disser
Por meu mandado. O signal será :
Tecôbe(*), téon(**). Carahy, até a vista,
Ou até ; além da morte !... (*Os indios se levantão.*)

CARAHY E ANAJÁ

Ah ! (*Abração-se. Pacahy, com um pé para a sahida
as olha, com soberba, e os indios espantão-se, por vêrem
a sahida.*)

FIM DO TERCEIRO ACTO

(* Vida. (**) Morte.



.Salomon, uel. e. uelii.

G. K. Imp.

Salomon, uel. e. uelii.
Salomon, uel. e. uelii.
Salomon, uel. e. uelii.

ACTO 4.º

A CHEGADA DA SEGUNDA FROTA

E

O PERDÃO DOS DEGRADADOS

ACTO IV

A vista a é do 2º acto (Porto-Seguro); de um lado uma cabana, onde mora Affonso Ribeiro e José Taveira.

SCENA I

AFFONSO RIBEIRO, TAVEIRA, DEPOIS PORANGABA

(Ao levantar do panno, Taveira está assentado na praia em uma pedra, pensativo, e Affonso, assentado no tronco de uma arvore, junto d cabana, e perto ha um relógio do sol.)

TAVEIRA E AFFONSO *(Cantando ao son da musica)*

Eis-nos aqui atirados
Nesta terra de pagões,
Quando nos virá de el-rei,
Lá do reino os seus perdões.

Esperar na desventura
E' tempestade sem bonança ;
Mas emfim, a vida assim
Se alimenta de esperança.

Eis-nos aqui atirados a um anno,
Sem noticias da patria, dos parentes e dos amigos.
Que triste sorte !... Entregues a esta terra de selvagens,
Cercados de féras, e abandonados !...
E o que fiz eu para ser tão severamente castigado !...
Oh ! senhores potentados da terra.
Não conheceis outra justiça, senão a do arbitrio,
E assim roubais a liberdade aos homens,
Fazendo-os desaparecer da sociedade
Pelos vossos caprichos, acobertados pelas palavras ;
Justiça e punição !...
Qual o crime praticado por mim
Para esta condemnação me ser imposta !...

Alli está o misero José Taveira,
Victima tambem da fatalidade.

TAVEIRA

Nenhuma embarcação !... nada !...
Nada de noticias da patria..
Creio que ficaremos aqui até a morte : (*vindo d frente*)
Minha pobre mulher, e meus dous filhos ;
O que será feito delles !...
Sem ter ninguem por si que os ampare !...
E eu, do mundo separado e da familia...
Elles, no mundo da sociedade ; mas sem arrimo !...

AFFONSO

Amigo meu e companheiro de infortunio,
Resignemo-nos com a vontade do Altissimo ;
(*Batendo-lhe no hombro*)
Ainda podiamos ser mais desgraçados.
Vivemos da patria longe e da familia,
E' verdade, e em terra estranha e de selvagens,
Porém, selvagens, de boa indole e hospitaleiros
Que nos tratão como amos e amigos, (*Porangaba entra e
pdra a meio caminho*)
De sincero character
E verdadeiros no tratar. Elles são desconfiados,
Porém, como não queremos enganal-os ;
Em paz vivemos... Oh ! Porangaba, estás ahi ?...
Ha muito que chegaste ?

PORANGABA

Sim, Affonso, cheguei a pouco. Fui colhêr
Aipim e frutas ; temos hoje um bom almoço :
Paca, peixe em abundancia e muita fruta,
E' um dia de ara-mutuú(*).

AFFONSO

Diz-se : dia de festa, falla a minha lingua.

(*) Dia de festa.

PORANGABA

Dia de festa... Ah ! sim, não me esquecerei mais.
(*Alegre*) Como é doce este fallar... dia de festa...
Porém, Affonso, ao teu companheiro alegre,
E que no mato a tristeza atire.

AFFONSO

Taveira ? Porangaba te pede,
Que sacudas de ti essa tristeza.

TAVEIRA

Diligencias faço, mas não posso, ás vezes
A natureza nos impõe contrarios sentimentos
Contra a lei da justiça e da razão.
Bem sabes do meu estado e condição,
E quando falla a razão sentida,
Emmudece a alegria, e contra o dever se brada.

AFFONSO

Assim parece, mas que fazer !...
Neste mundo, os pobres ; só são cousas
Que para os fidalgos, de instrumento servem ;
Tendo depois em recompensa :
Desprezo e castigo degradantes...
A proposito : como ambos somos degradados,
E aqui vivemos como irmãos,
Contar-te vou o facto que deu origem
A meu degredo.

PORANGABA

Affonso, Porangaba tambem pôde escutar ?

AFFONSO

Pódes Porangaba, para ti não ha segredos (*Porangaba fica
contente. Affonso para Taveira*)
Que boa alma tem esta indigena !
Oh ! meu Deos, será possivel que esta gente,

Que assim na infancia vive, seja do vosso aprisco repellida!...
Eis a minha historia : Gente pobre forão meus pais,
Eu, apenas fiz-me rapaz, mandarão-me para Lisboa...
Precisando Dom João Tello de um criado,
Em sua casa tomei arrumação,
Onde sempre bem servindo e agradando
A todos mereci a confiança ;
A filha de meu amo, moça bem linda ;
Um cavalleiro, com ella casar queria ;
O qual a Dom João, a foi pedir em casamento ;
Dom João Tello, rigoroso e obstinado,
Se oppôz a esta união tão desejada
E quiz a filha pôr em um convento.
O cavalleiro, que é moço nobre,
Rico, forte e resoluta, raptou-lhe a filha,
E forão se casar...
Dom João apenas soube deste facto ;
Irado, precisando desabafo ; culpado me julgou
E obteve o meu degredo. Eis o tremendo crime...
Que resultou-me este castigo.

PORANGABA

Coitado de Affonso, Dom João Tello, é ay'-ba(*).

AFFONSO

Diz-se máo ; em vez de ay'-ba.

PORANGABA

Sim, sempre me esqueço.

TAVEIRA

Pois eu, amigo meu, foi mais serio o caso,
Que em poucas palavras vais sabêl-o :
Um falso amigo que á minha casa ia,
Quiz um dia seduzir minha consorte,
E vendo que era mãe, honesta e de sentimentos,

(*) Máo.

Quiz fazêl-a ceder por autoridade,
E julgando-se um potentado
Por ser na casa de el-rei, lá empregado.
Sabendo eu de tal acontecido,
Fui procural-o, e sem mais satisfação
Lhe cravei a minha adaga ;
E quasi morto o deixei por terra.
Fui logo preso e julgado
E na frota contigo remetido.

AFFONSO

A vossa mão, honrado João Taveira.

TAVEIRA

Um abraço, Affonso Ribeiro. (*Abraço-se*)

PORANGABA

Affonso, e Porangaba nada ganha ?

AFFONSO

A ti, minha formosa flôr dos bosques,
Já tens meu coração, agora um beijo ! (*a beija na testa*)

PORANGABA

Affonso, Porangaba te ama muito e muito.
Quando fôres para tua terra, Porangaba,
Irã tambem, porque ; se morreres primeiro que eu,
Porangaba, tomará mbaê-ayba para morrer junto
E ir com Affonso para onde está Tupan.

AFFONSO

Não digas isto, Porangaba !
Perante o nosso Deos, é um grande peccado !
Ninguem pôde dispôr da vida :
E' isso um grande crime.

TAVEIRA

Como esta creatura é tão honesta e amorosa !...

AFFONSO

E não são civilizados, como os que nos degradarão !
Nem christãos, que traições nos fazem !...

PORANGABA

Está bom, Affonso, não fiques enfadado
Com Porangaba, eu não farei nada ;
Vamos almoçar ; (*indo vêr as horas, a um relógio do sol*)
Affonso, vem vêr que horas, são... no... nove... e... (*con-
tando com os dedos*)

AFFONSO (*chegando-se*)

PORANGABA (*contando d parte*)

Oiépe, um, mocoí, dous, mocapyr, tres.

AFFONSO

Então ! assim, é que contar sabes ?!

PORANGABA (*rindo-se*)

Sabe, sim, são nove horas e tres quartos !...

AFFONSO (*abraça-a*)

Feiticeira, vamos Taveira, vamos almoçar. (*Taveira chega
d praia e olha para o longe do mar.*)

TAVEIRA

Vou já, nenhum navio, nada vejo,
Senão as jangadas, em que andão
Os índios, á pescaria. (*Volta, e vão-se.*)

SCENA II

(Uma jangada abica d' praia, tem vela de esteira fina. Hipéita arreia a vela, cantando, amarra a jangada a um lado da praia e salta em terra. Depois entra o Pagé.)

HIPÉITA, E O PAGÉ DEPOIS

Ligeira correndo no mar, a jangada,
Gaivota, no ar, não é mais veloz,
Entufando a vela o vento sibylla,
Quer chore ou cante, lá se perde a voz.

Salta o peixe no rio, no mato o macúco,
A araponga n'arvore, no brejo a sanan,
Jacy gyra no céu, goroacy, cá, no ára,
Mostrando a grandeza e poder de Tupan.

Os brancos estão lá dentro, *(indo d' porta)* estão almoçando,
São boas gentes e amigos de nós todos.

Muitas cousas nos tem já ensinado ;

Tanto a sua lingua, como a trabalhar com ferramentas
De fórmas e feitios exquisitos, o machado, a faca, a serra,
Com os quaes depressa tudo se prepara,
E tão bem feito, bonito e aperfeiçoado,
Que parece da natureza producção.

Venho fallar-lhe sobre Hurú,

E se, defensores são de Pacahy,

Pois tendo elles o saber que a nós falta ;

Convem pedir que nos aconselhe. *(Pagé entrando.)*

PAGÉ *(d' parte)*

A que vem Hipéita aqui ! *(Alto)* Hipéita, o que fazes aqui ?

HIPÉITA

Vim vêr os brancos. O Pagé vem ao mesmo fim ?!

PAGÉ *(d' parte)*

E' curioso. *(Alto)* Acho-te sobresaltado, o que tens ?

Porque não acompanhastes a tribu,
Que foi a guerra fazer a Pacahy !

HIPÉITA

Ia também pôr-me a caminho, e não te vendo
Para contigo tomar um parecer ;
Vim aqui aos brancos procurar
Para elles me darem um bom conselho.
Pagé, eu trago a alma em afflicção,
Por vêr tanto sangue derramado
Sem gloria e sem proveito para os nossos.
A tribu está ficando sem guerreiros,
A taba, em decadencia. E Hurú sempre teimoso
Pratica sómente desatinos... Imprudente,
Foi cercar a Pacahy,
Que é guerreiro perspicaz e sem temor.
Temo muito pela sorte de Hurú,
E se elle perder ; seremos captivos de Pacahy...
Mas... olhai !... não vês...
Como as aves, voando fogem ligeiras
Para este lado, sendo-lhe contrario o vento ?!

PAGÉ

Provavelmente o combate se travou
Sendo Hurú, sorprendido no seu cerco
Como sempre tem acontecido,
Pacahy, mandou-lhe lançar fogo ;
E as aves assaltadas pelo incendio,
Espavoridas fogem da fumaça e do calor... (*d parte*)
E quem o fogo lançou, fui eu.

HIPÉITA

Hurú, investido desta fórma,
Só por aqui poderá abrir caminho,
E se tal acontecer...

PAGÉ

Será perseguido, e talvez morra ás mãos de Pacahy.

HIPÉITA

Então, Pagé, vamos salvar Hurú,
Vamos depressa...

PAGÉ

Ide vós, que breve sahirão em campo aberto.

HIPÉITA

Porém, vós, com o vosso canto de guerra.
Reanima a tribu, e talvez...

PAGÉ

Estás cego Hipéita?!...
A perda de Hurú é certa! (*Hipéita estremece de descon-*
fiança.)

Hurú é valoroso,
Porém, para governar não serve;
Rancoroso e máo, imprudente e assomado,
Tem feito mal a todos
Por uma ambição descomedida. (*Ouve ao longe um alarido*
e o toque do boré.)

Ouvis?!
E' o som do boré, Hurú, já vem em retirada,
E daqui a poucas horas fôr ára-çuipe(*),
Ai daquelles que tiver perdido acção!

SCENA III

OS MESMOS, AFFONSO E TAVEIRA

AFFONSO

Meus bons amigos, Deos os guarde... (*comprimentando*)
Temos novidade! Parece que da peleja o rumor oiço!..

PAGÉ (*á parte aos degradados*)

E acredito com certeza que todos ficaremos tupinás.
Hurú já vem de retirada,
E o combate aqui vai ter desfecho. (*Alto*) Eu parto.

(*) Meio-dia.

Vou animar com o meu canto ;
Esses guerreiros sem esperança da victoria,
Sacrificados á ambição descomedida... (*Aos degradados*
Apenas os combatentes aqui chegarem
Em favor de Pacahy, tambem brigai ;
Tuas armas, qual o raio, despede fogo,
Dando a morte veloz com lume ardente,
Causaráo não só mortes, como sustos,
Que fará logo fugir parte da gente. (*Para Hipéita ouve-se*
o boré.)
Tu, guerreiro de Hurú, parte incontinenti,
Que o boré te reclama a toda pressa.

HIPÉITA

Pagé, eu vim fallar aos brancos
Para vêr se me querem ter comsigo.
Eu, como tu, desconfiança tenho
Que seremos vencidos e captivos dos tupinás.

PAGÉ

Hoje, agora, nesta occasião, não póde ser ;
O Pagé da tribu quer e manda
Que na hora do perigo sem mais questão
Os guerreiros da taba devem marchar
Para os perigos ou triumpho partilhar.
Ide sem demora.

HIPÉITA (*d parte*)

E' forçoso partir. (*Alto*) Eu vos sigo, Pagé. (*Vão-se.*)

SCENA IV

AFFOSO E TAVEIRA

TAVEIRA

Este Pagé é sagaz e intelligente !
Sabe manejar a intriga subtilmente !...
Tem mando imperativo e respeitoso

Que se fosse de paiz civilisado,
Occuparia, como aqui, nobre lugar.
Quem pensará agora em Portugal,
O que se está passando aqui presentemente ?!
Nesta remota região de herege gente,
Filhas de um solo fertil, de ameno clima,
Que não tem instrucção, mas é valente !

AFFONSO

Assim o julgo, este selvagem é assizado
Um pouco, não ha duvida !...
E de entre os seus tem preponderancia...
Escutai ! O rumor da luta está mais perto ;
E nella, hoje tomaremos parte.
E' questão discutida e concertada
Que vencido, Hurú,
Será, chefe dos tupiniquins,
Nosso amigo Pacahy, de estirpe illustre,
Cacique nobre, da tribu tupiná.

TAVEIRA

Estou parvo e pasmo !...
Como aqui tambem ha conquistadores
Disputando o poder á viva força !...
Qual, Anibal, Scipião ou Cesar,
E nós partidarios de selvagens,
Sem termos aqui, acção ou independencia.
Oh ! justiça de el-rei e seus fidalgos !...
Que, a par dos selvagens nos pozerão,
Arriscando nossa vida em favor delles !...

AFFONSO

E o que fazer ?! E' para servir a el-rei nosso senhor,
Que o almirante nos deixou aqui,
E, se, a commissão fôr bem desempenhada
Nos darão o perdão já promettido.
Devemos ter nesta promessa a esperança.
Que o almirante pelo rei, nos deu fiança.

TAVEIRA

Não sei como a mais tempo não tem vindo
Nova frota a reconhecer este paiz ;
Porque, grande alvoroço deve ter feito
Um achado tão grande e tão feliz.
Oh ! como anhelos da patria ter noticias
Da consorte, dos filhos e dos amigos.
Abandonado nestas praias ha um anno,
Sem vêr um semblante do velho mundo.
Affonso, que tristeza tivemos naquelle dia
Em que a frota partio e nós ficámos.

AFFONSO

Estes hospitaleiros e bons selvagens,
Compadecêrão-se tanto do nosso fado
Que affagando nossas lagrimas e enxugando-as,
Mais christãos se parecem que os nossos reis.

TAVEIRA

Não culpes a el-rei, de injusto e máo,
Porque : raramente os reis são sabedores
Do que fazem seus ministros e favoritos.
Quasi todos a verdade occultão aos soberanos,
Com quem se apadrinhão para serem máos...
Meu amigo, é isto uso antigo em Portugal,
De se tratar com violencia ao pobre povo,
Que sempre da tyrannia sendo victima,
Como nós, resignados vão passando...
Ah ! muito longe estão ainda os homens,
De quererem seguir a lei de Christo,
Porque, em vez de se amarem,
O contrario, mais se odeião uns aos outros... (*Indo d praia*)
Eis a immensidade do oceano !...
Quando o tornarei a atravessal-o
Para vêr os nossos e a querida patria...
Como isso é triste !... Separado della e da familia
Minha alma nunca mais teve alegria !
Oh ! Portugal !... terra de meus pais e de meus filhos !...
Oh ! portuezes injustos !...

AFFONSO

Resignação, meu amigo, resignação,
Que a ella ha muito estou disposto.
E se esta terra povoar-se,
Pretendo aqui ficar de moradia.
A' Porangaba, tomarei por minha esposa
Ante Deos e o altar. Ella se vai civilisando.
A soletra, reza ; e tem bom character... (*Ouve-se ainda longe
a gritaria dos selvagens em combate*)
Continúa a luta dos rivaes,
Breve estarão aqui... Como são ferozes estes homens !
Quanto se batem, ao inimigo não perdôão,
E depois de os matar,
Vão comer e beber alegremente.
Ao mesmo tempo que são de acções nobres !
Oh ! santa religião ! Oh ! educação !...
Vinde em auxilio deste povo infantil.

TAVEIRA (*olhando ao mar*)

Nada, nem cousa que se pareça com navio !
Quando da patria terei noticias !...
Para meu coração tranquillisar se. (*Dous indios tupinds,
sendo um Ita-Açú, atravessão a scena a correr.*)
O que será !...

SCENA V

OS MESMOS E PORANGABA

PORANGABA (*entrando*)

Affonso, os combatentes já se approximão,
Dous guerreiros, a correrem por aqui passarão ;
Eu, de dentro da tejupaba(*), não os pôde conhecer
De quaes das tribus são. E' bom acautelar-nos
Para qualquer cousa prevenir-se.

(*) Cabana.

AFFONSO

De alerta e armados estar, (*Taveira presta toda attenção*)
Estamos ha muito convidados
Para alliança fazer côm Pacahy.
Que achas tu, neste nosso procedimento?

PORANGABA

Ah ! muito bem, Hurú, sempre foi homem feroz.
E' poeta, é amavel no tratar,
Porém, de mão genio e vingativo...
Todos os seus antepassados assim forão.

AFFONSO

E como pôde governar a tribu ?!

PORANGABA

Eu, te digo, elle descende de uma raça perversa e má.
Gosta muito de vêr correr o sangue,
E traiçoeiro, mata a quantos pôde.
O pai, de Hurú, extinguiu os parentes do Pagé,
E o putira... digo, o tio de Carahy,
Que o ama tanto !

AFFONSO

Então, é por essa causa que, o Pagé,
Tanta protecção presta a Pacahy !...

PORANGABA

Sim, porém, escuta : O Pagé, ha muito que se vinga
Com linura, segredo e segurança.
Já matou com veneno ao pai de Hurú,
Do qual amigo chegado se fazia... Affonso,
A vingança entre nós é um legado
Que se transmite de geração em geração ;
E o filho, que não cumpre esse dever,
Não se julga a Tupan, ter bem servido.

TAVEIRA

Oh ! natureza, como tão bem nivelaste os homens,
De qualquer raça ou condição que sejam !
Nós que nos julgamos civilizados
O mesmo praticamos por desforço ou interesse,
E se assim não fosse;
As traições não se darião continuamente.
Quem seria capaz disto pensar !
Que, selvagens, sem vislumbre de instrução,
De menor cultivo ou trato social,
Tenhão n'alma, tão inatos sentimentos
Que nos pôde bem servir de exemplo !...
Venhão pois os taes rabiscadores,
Os senhores philosophos e moralistas,
Estes meus pensamentos destruir ;
Porque, a mim, nem o proprio João das Regras,
Com as suas razões me convencia... (*Grande alarido perto*)

AFFONSO

Amigo, é chegada a hora,
De morrer, ou vencer por causa alheia ;
Vamos vestir nossas couraças
Para sermos ás flechas invulneraveis... Entremos. (*Vão-se*)

SCENA VI

PAGÉ, HURU' PACAHY, DEPOIS AFFONSO, TAVEIRA E PORANGABA

(*Pagé apparece envolvido entre os guerreiros travados em combate. Ora recuando uns, ora outros, vão assim atravessando a scena e desaparecem. Durante essa passagem, o Pagé canta o hymno de guerra acompanhado de musica, e desaparece.*)

PAGÉ (*entra cantando*)

Guerreiros da taba, oh ! tribu valente,
Avante, feri, matai com certeza ;

Tupan, assim quer, Tupan, assim manda ;
Mostrai que sois bravos, que tendes nobreza.

Avante, feri, matai com certeza. (*Vai a desapparecer, quando apparece Hurú e Pacahy pelejando e seguindo para onde forão os outros guerreiros ; deve-se sempre ouvir o rumor do combate e canto do Pagé, e a musica acompanhando.*)

HURU' (*atravessando a scena, e Pacahy*)
Jurupary damnado, quero matar-te
E beber-te o sangue !

PACAHY

Esse é o prazer do canguçu feroz e traiçoeiro,
Porém, Tupan, o Deos Senhor, não ha de permittir. (*E desapparecem ao tempo em que apparecem Affonso, Taveira, armados de adaga e arcabuz, e Porangaba de arco, flecha, e adaga. Os dous vêm vestidos de cota de malha*)

TAVEIRA

Como se balem, são dous leões !

AFFONSO

Oh ! é o bello horrivel... Porangaba !
Porque as pistolas não trouxeste ?!...

PORANGABA

Não... Com o meu arco e flecha,
Por detraz de uma arvore, meus tiros são funestos :
Tuas pistolas me fazem medo, até de ouvil-as.

SCENA VII

AFFONSO, TAVEIRA, PORANGABA E O PAGÉ (*entrando*)

AFFONSO E TAVEIRA

Então ?!...

AFFONSO

Qual dos dous vencerá ! batem-se com pujança !

PAGÉ

Que matança horrivel, que carnagem !...

TAVEIRA

Por quem a victoria se declara ?

PAGÉ

Indecisa estive por muito tempo,
Hurú, muitos guerreiros tem perdido,
Porque estive encurralado entre dous montes,
E já uma vez ia a cahir,
Se não fosse tão ligeiro em movimentos
Seria por Pacahy, todo esmagado,
Que com tal força despedio tão forte golpe, que :
Fez a terra tremer, e o som repercutir no espaço !...

Topos

Oh !...

PAGÉ (*olhando para onde os combatentes forão*)

Lá vem todos os combatentes !...

Oh ! gran Tupan !... A tribu de Hurú recúa...

(*Todos olhando*) Olhai ! vêde !... o terreno perdem...

Outros fogem !... Com que denodo se batem os tupinás !

PORANGABA (*admirada*)

Oh ! Affonso ! noticias da tua terra ! (*Vê-se um pequeno navio, muito ao longe, passando obliquamente para a esquerda. Os portuguezes correm d praia gritando alegres.*)

TAVEIRA

Um navio ! Oh ! não ! são tres ! (*Cahe de joelhos*)

Meu Deos ! meu Deos ! eu vos agradeço. (*Passão mais dous navios.*)

AFFONSO

Que alegria sinto ! vou saber da terra. (*Para Porangaba*)
Porangaba, toma um beijo e um abraço
Por alviçarás. (*Abraço-se.*)

TAVEIRA

Oh ! venha lá, Dona Porangaba,
Um abraço também cá para o dego (*abraça-a*).
Que linda vista que tem...

PORANGABA (*para o Pagé*)

Como são bonitos ! parecem aty-aty(*),
De azas abertas, correndo sobre o mar !...

TAVEIRA (*olhando para o lado por onde os navios desapparecerão*)

Vem aqui fundear,
Já a bandeira traz içada !
Oh ! cinco chagas do meu Deos !...

PAGÉ (*apressado*)

Os guerreiros se approximão ! Eil-os que chegão,
Entraí na cabana. Sahireis quando fôr tempo (*e vai para os combatentes*).

TAVEIRA (*afastando-se da praia*)

Como estou contente... Vou combater
Com mais coragem. Vou ser um Achilles,
Um Enéas, um Julio Cesar !... (*Affonso, Taveira e Porangaba retirão para detraz de uma pedra, de onde espreitão.*)

SCENA VIII

OS MESMOS, HURU' E PACAHY

(*Pacahy e Hurú apparecem combatendo, e também Hipéita e todos os guerreiros das duas tribus ; este combate deve*

(*) Gaivotas.

ser em ordem e cadenciado ao som da musica, e deve-se demorar alguns minutos para melhor effeito.)

PAGÉ (*cantando*)

Guerreiros da taba, oh ! tribu valente,
Avante, feri, matai com certeza.
Tupan assim quer, Tupan assim manda,
Mostrai que sois bravos, que tendes nobreza.

HURU' (*raivoso*)

Tapuio raptor, hei de dar-te a morte...

PACAHY

Canguçu traiçoeiro, hei de cortar-te
Esta cabeça dura.
Tu bem sabes que não sou tapuio,
Sou de melhor raça que a tua (*investindo*).
Ah ! raposa, vais vêr agora... que o...

PAGÉ

Avante, matai, feri com certeza...
(*Apparecem de repente Taveira, Affonso e Porangaba, e disparam os tiros, Pacahy dá com a massa em Hurú, que cambalêa e cahe semivivo ; põe-lhe um pé no ventre e empunha a adaga. Os indios, uns cahem e outros fogem espavoridos, gritando.*)

Os INDIOS (*a fugir, gritando*)

Amaberab... Affonso, tupaberaba... amaberaba !

PAGÉ (*d parte*)

Os meus estão vingados ! Extincta está
A raça dos Hurús !... O meu coração se expande !...

SCENA IX

OS MESMOS, CARAHY E ANAJÁ (*ambas acompanhadas por Ita-Açú e outro indio*)

CARAHY

Pacahy é generoso, suspende o golpe,
Carahy a soberba, é quem te pede !

PORANGABA

Carahy, foi Hurú, quem matou teu pai !...

CARAHY

Oh ! Tupan !... (*Quasi cahe.*)

HURU' (*com voz sumida, esforçando para levantar-se*)

Carahy... eu morro !... (*Os índios que cahirão vão se levantando, e os que fugirão chegando-se.*)

PACAHY

Carahy, não será tua.

Tu és o guyra-guaçú(*) de jurupary,
Vai-te ; deixa a zabelé da capoeira. (*Tira o pé de cima do ventre de Hurú e guarda a adaga.*)

Levai-o para a taba, que já está morto ! (*Carahy cahe dando um grito de dôr, Anajá a levanta ; ambas contristadas ; dous índios levão Hurú.*)

CARAHY

Eu o amava tanto...

ANAJÁ

Porém não era digno de ti...
Lembra-te, minha filha,
Que teu pai era um valente cacique,
Assim como Pacahy ; nobre e generoso.

PACAHY

Carahy, por tua honra
Foi que não lhe dei morte cruel.

CARAHY (*com tristeza*)

Ha um acajú, que Hurú me disse :
Se Hurú. morrer em um combate,

(*) Gavião diabolico.

Carahy, levará um catápe cingido de flôres,
E deporá em sua sepultura em honra delle,
E da sua tribu, o mais valente guerreiro,
Dará sua mão para honrar
Sua memoria. Pacahy!
O mais valente guerreiro, és tu...
Eu serei a cacique da tua tribu.

TAVEIRA

Eis, as caravelas, que dão fundo. (*Tres caravelas fundeão com a bandeira portugueza, e passão para os escaleres, a comitiva que vem desembarcar d' praia, composta de tres frades e diversos colonos; ha salvas e musica ao des embarque.*)

SCENA X

OS MESMOS E GONÇALO COELHO (*e a comitiva desembarcando*)

GONÇALO

Deos salve á terra de Santa-Cruz...

TAVEIRA E AFFONSO

Salve Deos a vossa senhoria, senhor capitão Gonçalo Coelho!

GONÇALO

El-rei, manda alguns patricios nossos
Para esta terra se principiar a povoar,
E tambem lhes manda os seus perdões
E passagens se quizerem voltar. (*Os recém-chegados abraçã-o-se com os degradados, os indios misturão se com elles.*)

TAVEIRA

Viva el-rei nosso senhor Dom Manoel Primeiro !...

TODOS

Viva ! ..

AFFONSO (*dando a mão a Pacahy e Porangaba*)

Estou livre, irei a Portugal
E virei de novo para habitar convosco. (*Para Gonçalo*)
Senhor capitão, eis o chefe da tribu
E o Pagé da mesma, são muito boa gente,
De bom trato e hospitaleiros. A el-rei tudo direi :
Do que vi, aprendi e do que sei.

TAVEIRA (*ajoelhando-se*)

Meus amigos, minha alegria é grande.
« Senhores, bemdito seja Deos,
« Volto á minha patria para vêr os meus(*) . »

GONÇALO

Senhores e patricios meus,
O dia de hoje foi de grande luta,
E' quasi noite (*a scena escurece lentamente*),

PACAHY (*para dentro*)

Accendão-se fogos em honra de Tupan. (*Todos se ajoelhão voltados para o lado da cruz, com os frades d frente e só o Pagé de pé. Desponta a lua no fundo e a scena se clarêa com fogos de bengala azulado ou côr de prata.*)

AFFONSO, TAVEIRA E PORANGABA

Bemdito Senhor, que ouviu nossa supplica,
A tanta bondade rendemos louvores ;
Se em terra de hereges de nós te lembraste
Este hymno cantamos por tantos ~~favores~~ favores.

TODOS

E a esta terra de Santa e Vera Cruz,
Derramai nella, ó Deos, a vossa luz.

(CAHE O PANNO AO FINDAR-SE O CANTO)

FIM DO QUARTO ACTO E DO DRAMA

(*) Estas duas linhas são imitação de Casimiro de Abreu.

DECLARAÇÃO

Na conformidade da lei, que garante o direito da propriedade litteraria, o autor reserva para si o de impressão, e representação em qualquer theatro da côrte ou do Império.

Rio de Janeiro, 18 de Setembro de 1874.

Approvado pelo conservatorio dramatico da côrte em 4 de Julho de 1874.

5

GENERAL BOOKBINDING CO.
75 110NY2 13 C40 P 8557
QUALITY CONTROL MARK



